



**SONIA DALVA PEREIRA DA SILVA
DÉBORA CRISTINA DE ARAUJO**

PRODUTO EDUCACIONAL

**LITERATURA INFANTIL
E COM TEMÁTICA DA
CULTURA AFRICANA E
AFRO-BRASILEIRA EM
FOCO:**

**RESENHAS E DIÁLOGOS
POSSÍVEIS**



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO - PPGMPE UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Paula Vargas
Reitor da Ufes

Prof. Dr. Valdemar Lacerda Junior
Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof. Dr. Reginaldo Célio Sobrinho
Diretor do Centro de Educação

Prof. Dr. Alexandre Braga Vieira
Coordenação Geral



Agradecimentos

Agradeço imensamente a todas e todos os integrantes do grupo LiTERÊtura que muito contribuíram para que a pesquisa e este produto educacional se tornassem concreto. As muitas vozes aqui representadas em cada resenha é a prova de que esse grupo é um coletivo de colaboração e muita resistência.





SONIA DALVA PEREIRA DA SILVA

Professora de Língua Portuguesa nos municípios de Vitória e Serra - Espírito Santo. Atua como professora regente nas séries finais do Ensino Fundamental. Possui Licenciatura Plena em Letras-Português pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e especialização em Planejamento Educacional. Mestranda no Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação pela UFES.



DÉBORA CRISTINA ARAUJO

Doutora em Educação (UFPR) e professora de Educação das Relações Étnico-Raciais (UFES). Atua também como docente no PPGMPE e no PPGE, ambos do Centro de Educação da Ufes. Coordena o LiTERÊtura - Grupo de estudos e pesquisas em diversidade étnico-racial, literatura infantil e demais produtos culturais para as infâncias.



SUMÁRIO

01	APRESENTAÇÃO.....	01
02	LITERÊLER: UM SONHO AINDA EM CONSTRUÇÃO.....	03
03	QUADRO DESCRITIVO DO CURSO.....	06
04	QUADRO DESCRITIVO DOS MÓDULOS.....	10
05	DESCRIÇÃO TEÓRICA DOS MÓDULOS.....	12



SUMÁRIO

06	SUGESTÃO DE TEMAS E RESENHAS LITERÁRIAS PARA DIÁLOGO EM PRÁTICA.....	31
	6.1 FAMÍLIA E COMUNIDADE.....	33
	6.2 CABELO.....	40
	6.3 PELE.....	46
	6.4 CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA.....	52
	6.5 ANCESTRALIDADE.....	58
	6.6 CORPOREIDADE.....	65
<hr/>		
07	REFERÊNCIAS.....	72



1 - APRESENTAÇÃO

Este Produto Educacional é parte da pesquisa "Literatura infantil e com temática da cultura africana e afro-brasileira em foco: formação de professoras/es e mediação da leitura", de autoria de Sonia Dalva Pereira da Silva, para obtenção do título de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional da Universidade Federal do Espírito Santo, e sob orientação da profa. Dra. Débora Cristina de Araujo.



Temos como proposta oferecer um material acessível e aplicável em condições reais de sala de aula ou outros ambientes de ensino e que noticie aspectos da pesquisa de forma a ter um movimento na sociedade para além da própria dissertação. Queremos, portanto, dizer que não se trata de fazer uma versão compacta da pesquisa, tampouco uma adaptação didática. É, na verdade, o momento de criar uma conexão entre o fazer pedagógico e social diante dos desafios atuais que a escola enfrenta. Ou seja, o objetivo deste produto no Mestrado Profissional é direcionado a seu caráter funcional e não somente à produção de informação.

A pesquisa buscou abordar a importância da formação de professoras/es em mediação da leitura literária sobre a literatura infantil com temática da cultura africana e afro-brasileira com o intuito de levar para as/os profissionais da educação reflexões sobre a relevância que é o trabalho com literaturas que abordem essa temática.

Além disso, propõe um diálogo que nos leva a refletir sobre nossas práticas em sala de aula e demais espaços da escola e em que podemos nos reinventar para valorizar e potencializar a autoestima da criança negra e tornar a escola um espaço de enfrentamento do racismo a partir de práticas antirracistas.

Nesta perspectiva, o presente material compõe o formato de um curso intitulado "LitERÊler: formação sobre literatura infantil com temática da cultura africana e afro-brasileira" e apresenta

sugestões de temas pertinentes às questões étnico-raciais, que são componentes importantes no diálogo das práticas da mediação da leitura literária.



2 - LITERÊLER: UM SONHO AINDA EM CONSTRUÇÃO

Débora Cristina de Araujo

Este material compõe parte do estudo Sonia Dalva Pereira da Silva e foi produzido no âmbito do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Reúne conteúdos sobre o curso "LiTERÊler: formação sobre literatura infantil e com temática da cultura africana e afro-brasileira" e indicações de obras literárias de valorização da identidade e trajetória da população negra, em especial no Brasil.

Trata-se de um produto educacional que sofreu transformações devido à pandemia, impossibilitando a realização do curso como inicialmente almejado. Por outro lado, o acúmulo de reflexões sobre a importância de uma literatura infantil que valorize a cultura africana e afro-brasileira continuou ocorrendo por meio das ações desenvolvidas pelo "LiTERÊtura - Grupo de estudos e pesquisas em diversidade étnico-racial, literatura infantil e demais produtos culturais para as infâncias" e é por meio dessas ações e, principalmente, das leituras e pesquisas de Sonia, que este material foi construído.

Por isso, considero que o LiTERÊler é um sonho ainda em construção, pois agora que seu conteúdo e propostas de trabalho com a literatura infantil alcançarão um público maior por meio deste material, poderemos ver ações diversas se multiplicando.

Iniciativas como esta são necessárias pois a literatura representa um artefato cultural que contribui para a formação de mundo da criança. Assim, é mais do que urgente refletirmos sobre o modo como e, em que circunstâncias, todos os grupos humanos são representados nas obras literárias. Especialmente no Brasil, observações como essas são imprescindíveis, pois, historicamente, o modo com que a população negra foi representada na produção literária infantil produziu muitos estereótipos.





Para entendermos um pouco mais sobre isso, vamos fazer uma breve revisão da história dessa literatura.

Tendo seu início no Brasil apenas no final do século XIX e início do século XX, a literatura endereçada ao público infantil nasceu com a função de auxiliar a formação escolar, carregando, em sua história, o estigma da didatização, ou seja, seu principal objetivo era de ensinar valores morais e com pouca intenção de ser arte literária. Assim, havia pouca preocupação com a criação de um repertório cultural rico para a criança, pois o propósito era de se ensinar regras de convívio ou até mesmo conteúdos educacionais (como alfabetização, gramática, entre outros).

E o racismo, disseminado na sociedade brasileira, também marcou presença nessa literatura. Ao longo do século passado diversos estudos caracterizaram esse panorama, a partir das seguintes características:

- a) invisibilização de personagens negras (principalmente de 1900 a 1920);
- b) associação do corpo negro à animalização ou atraso cultural (década de 1920 a 1970);
- c) violência física, abandono ou marginalização (década de 1970 a 1980);
- d) exotismo (década de 1980 a 1990) (ARAUJO, 2021, p. 2).

Mais recentemente apenas, neste século, é que podemos reconhecer um aumento (ainda que não a contento) de uma literatura mais valorizadora da diversidade étnico-racial brasileira, em especial em relação à população negra, que compõe a maioria populacional.

Podemos, com menos dificuldade, encontrar livros em que meninos e meninas negras passaram a ser retratados de modo mais humanizado, vivenciando contextos familiares de amor, afeto e respeito. Também pessoas adultas negras, representadas em figuras familiares diversas, passaram a caracterizar um vínculo afetivo e presente na vida das crianças, diferentemente de períodos anteriores em que eram total ou parcialmente ausentes.

Neste produto educacional a nossa proposta é de contribuir com o constante processo formativo de professoras e professores que atuam com a mediação da leitura.



Pretendemos realçar uma literatura de valorização e estimular, no interior das escolas, debates críticos sobre as escolhas literárias para o trabalho de mediação da leitura, sobretudo com crianças pequenas.

Venham conosco!

3 - QUADRO DESCRITIVO DO CURSO



**LITERÊLER: FORMAÇÃO SOBRE LITERATURA INFANTIL
COM TEMÁTICA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-
BRASILEIRA**

RESUMO

Este curso tem como proposta capacitar professoras/es da educação básica (Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental), bibliotecárias/os e equipe pedagógica da Grande Vitória (especificamente Cariacica, Serra, Vila Velha e Vitória) sobre literatura infantil com temática da cultura africana e afro-brasileira. Seu objetivo é propor intervenção nas práticas de mediação de leitura de professoras/es sobre obras literárias com temática da cultura africana e afro-brasileira na Grande Vitória.

PÚBLICO-ALVO ESTIMADO: 55

CARGA HORÁRIA: 70 horas

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil. Formação docente. Mediação literária. Cultura afro-brasileira.



APRESENTAÇÃO

Desde a aprovação da lei que fundamenta a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira na educação básica (Lei 10.639/2003), a literatura infantil vem sendo questionada, revisada e renovada com o intuito de propor valorização da identidade de uma parcela significativa da população brasileira, que hoje corresponde à maioria: a população negra. Com isso, criam-se demandas de formação docente para o trabalho com mediação da leitura no espaço escolar que contemple essa valorização proposta pela referida Lei. Por isso, cursos de formação como este são importantes pois oferecem suporte teórico-metodológico adequado para o trabalho com uma literatura muitas vezes nova para a maioria do corpo docente da educação básica. O interesse deste curso vai além pois é parte da pesquisa da mestranda Sonia Dalva Pereira da Silva, do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação (Ufes), cujo objetivo é de propor intervenção nas práticas de mediação de leitura de professores/as sobre obras literárias com temática da cultura africana e afro-brasileira na Grande Vitória. Assim, uma formação extensionista contribuirá também com uma pesquisa de mestrado em andamento.

JUSTIFICATIVA

A principal justificativa deste curso é de oportunizar a docentes das redes municipais da Grande Vitória o contato com conteúdos produzidos em âmbito acadêmico e literário com temática da cultura africana e afro-brasileira, estimulando, por consequência, o vínculo extensionista da universidade com a comunidade geral, especialmente da educação básica. Isso ratifica, também, a importância de um mestrado profissional e seu intenso diálogo com os espaços educacionais diversos.

OBJETIVO GERAL

Capacitar professoras/es da educação básica (Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental), bibliotecárias/os e equipe pedagógica da Grande Vitória (especificamente Cariacica, Serra, Vila Velha e Vitória) sobre literatura infantil com temática da cultura afro-brasileira e africana.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar conceitos e fundamentos teóricos da literatura infantil ocidental, com ênfase na representação de personagens negras/os;
 - Apresentar produções literárias infantis com temática da cultura afro-brasileira e africana;
 - Discutir sobre conceitos que envolvem o racismo no cotidiano escolar e na literatura;
 - Fornecer subsídios teórico-metodológicos sobre educação literária e mediação da leitura;
 - Propor intervenção de mediação da leitura em sala de aula;
- Realizar seminário de apresentação dos resultados com produção de relatório.

METODOLOGIA

A proposta será fundamentada na valorização da literatura infantil na escola. Serão apresentadas, lidas e analisadas obras literárias infantis com temática da cultura afro-brasileira e africana. Para tanto, inicialmente serão apresentados conceitos e elementos históricos do racismo na literatura e no ambiente escolar e, em seguida, será desenvolvido um aprofundamento sobre o percurso das personagens negras/os na história da literatura para crianças e adolescentes no Brasil. Um conceito explorado será de "griot", aquele/a detentor/a dos conhecimentos tradicionais e exímio contador/a de histórias.



A aproximação com este conceito será primordial para o desenvolvimento das atividades práticas do curso, que consistirão em intervenções em sala aula. Serão desenvolvidas práticas de "instrumentalização do olhar" acerca da representação de personagens negras/os, a partir de um roteiro pré-definido. Munidas/os de subsídios teóricos e a partir das reflexões desenvolvidas nos debates, a estratégia de análise de livros estimulará o trabalho com literatura no ambiente escolar pois propiciará uma ampliação do universo literário em relação à valorização da cultura afro-brasileira e africana.

AVALIAÇÃO

A avaliação será contínua e processual, com ênfase em dois momentos: seminário de apresentação dos resultados da intervenção na escola e relatório de avaliação da experiência. Tais avaliações serão mediadas pelos debates da turma e sugestões de contribuição ou aprimoramento das ações. No decorrer do curso serão apresentadas instruções para a realização de ambas as atividades.

CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO-ALVO

Professoras/es da educação básica (Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental), bibliotecárias/os e equipe pedagógica.

INFRAESTRUTURA

Sala de aula com capacidade para, no mínimo, 50 pessoas;
Multimídia (notebook e projetor);
Caixa de som (para a exibição de vídeos e músicas);
Lousa ou flip chart;
Livros literários e de referência;
Mesa para exposição dos livros.

CORPO DOCENTE

Pesquisadoras/es do LiTERÊtura e convidados/as

4 - QUADRO DESCRITIVO DOS MÓDULOS



MÓDULOS/TEXTOS

MÓDULO 1: Teorias sobre racismo na escola e história da literatura infantil no Brasil: especificidades sobre personagens negras/os

- Textos de referência:

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. A tessitura dos personagens negros na Literatura Infantojuvenil Brasileira. Sementes (Salvador), v. 6, p. 103-117, 2005. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/criticas/ArtigoAnoria1literaturainfantojuvenil.pdf>. Acesso em: 30 maio 2021.

CAVALLEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 5. ed., São Paulo: Contexto: 2006, p. 39-95.

MÓDULO 2: A leitura de imagens: diálogo entre texto e ilustração

- Texto de referência:

LIMA, Heloisa Pires de. Personagens negros: um breve perfil na literatura infantojuvenil. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o racismo na escola. 2a. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 101-115.

MÓDULO 3: A educação literária: usos e abusos

- Texto de referência:

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil. 2. ed., 2a. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 17-48 (Linguagem e educação).

MÓDULO 4: Práticas de mediação da leitura

- Textos de referência:

COSSON, Rildo. Oficinas. Letramento literário: teoria e prática. 2. ed., 9. reimp. São Paulo: Contexto, 2019, p. 121-135.

DEBUS, Eliane. Festaria da brincança: a leitura literária na Educação Infantil. São Paulo: Paulus, 2006.

AÇÕES PRÁTICAS

Seminários de apresentação das ações de intervenção das/os cursistas a partir do curso.

5 - DESCRIÇÃO TEÓRICA DOS MÓDULOS



MÓDULO 1

Tema: Teorias sobre racismo na escola e história da literatura infantil no Brasil: especificidades sobre personagens negras/os

Ainda que tratar sobre o racismo não seja tarefa fácil, é imprescindível que o tema ocupe os espaços e momentos formativos no ambiente escolar. Muito se fala em escola, em educação e em todas as esferas que compõem o espaço escolar, mas pouco se fala sobre o racismo que impera neste ambiente. Por isso, a primeira etapa do curso envolve uma discussão mais aprofundada sobre relações étnico-raciais.

O cotidiano na escola é múltiplo e atravessado por muitas visões de diferentes perspectivas. É nesse lugar que precisamos buscar um olhar atento sobre o racismo que, em meio a tantas questões, passa invisível aos olhos de muitas pessoas inseridas no ambiente escolar. Quanto mais mergulhados nas demandas que a escola nos oferece, mais distantes de realidades a serem vistas e discutidas ficamos, ainda mais quando, no interior das escolas, o tema do racismo é negado ou subestimado.

Mas, ao contrário, o racismo existe, persiste e contribui para aumentar cada dia mais a violência no espaço escolar, lugar onde deveria ocorrer acolhimento e pertencimento. Aqui não falamos somente de corpo docente e demais profissionais, falamos principalmente de nossas crianças negras que transitam pela escola todos os dias.



Os debates das questões étnico-raciais, embora antigos, ainda são temas que não circulam livremente no chão da escola. Porém, essa discussão é muito necessária e urgente para que possamos promover uma educação que tenha comprometimento igualitário, sobretudo com nossas crianças negras que são maioria nas escolas públicas. Cavalleiro (2006, p.11) nos orienta que:

Não há como negar que o preconceito e a discriminação constituem um problema que afeta em maior grau a criança negra, visto que ela sofre, direta e cotidianamente, maus tratos, agressões e injustiças, que afetam a sua infância e comprometem todo o seu desenvolvimento. No espaço escolar há toda uma linguagem não-verbal expressa por meio de comportamentos sociais e disposições - formas de tratamento, atitudes, gestos, tons de voz e outras -, que transmite valores marcadamente preconceituosos e discriminatórios, comprometendo, assim, o conhecimento a respeito do grupo negro.

Nessa perspectiva, é nosso dever ter o cuidado de entender e nos comprometer com essa responsabilidade é da escola e, principalmente, de nós professoras/es que estamos mais próximos das crianças em sala de aula. Muitas vezes, não percebemos o conflito por não sabermos lidar com eles, mas devemos buscar caminhos que nos auxiliem para que possamos romper com o silêncio.

Muitos são os caminhos, estratégias e recursos para implementarmos a Educação das Relações Étnico-Raciais para a escola. Uma delas é a literatura infantil com temática da cultura africana e afro-brasileira. Nesse sentido, na parte inicial do curso a proposta é de compreender como a mediação literária pode contribuir para o reconhecimento dos impactos do racismo simbólico.

A sala de aula é um ambiente de trocas, onde todas/os as/os envolvidas/os articulam saberes que são trocas indispensáveis à socialização e compressão de mundo por meio de experiências vividas pelos indivíduos daquele grupo.



Sobre isso, Cavalleiro (2006, p.17) nos adverte:

A experiência escolar amplia e intensifica a socialização das crianças. O contato com outras crianças de mesma idade, com outros adultos não pertencentes ao grupo familiar, com outros objetos de conhecimento, além daqueles vividos pelo grupo familiar vai possibilitar outros modos de leitura do mundo.

Nesse caminho, entendemos que a experiência escolar é primordial para a formação da criança e cabe a nós oferecermos ações positivas e libertadoras, pois nem sempre as vivenciadas na escola são as mesmas vivenciadas no grupo familiar, e que em ambos pode haver manifestações de atitudes racistas que reforçam o racismo ou aprisionam as crianças negras em seu silêncio diante do que sofrem.

O preconceito e a discriminação em nossa sociedade são muito fortes. São práticas experienciadas todos os dias e que fecundam livremente a consciência social coletiva.

Ainda que a população negra no Brasil seja maioria, é perceptível que essa população ocupa a base da pirâmide social, onde estão os que mais sofrem com o descaso da sociedade elitista, sobrevivendo com poucas condições de ascensão social, pois o colonialismo ainda impera persistentemente sobre a vidas dessas pessoas.

É urgente que educadoras/es assumam o protagonismo da luta contra o racismo que insiste em perpetuar em nosso meio escolar e social. Em seu artigo, Oliveira (2005, p. 15) nos adverte de que:

[...] interessa ressaltar a necessidade e urgência de termos educadores aliados contra o racismo que impera o meio social. Afinal, se o educador não tiver informações suficientes acerca da análise do material didático e, dentre este, a literatura infantojuvenil; se o literários e didáticos, em sua grande maioria, estiverem arraigados de ideários estereotipados e depreciativos do negro, a escola enquanto instituição educacional, será o reduto permissivo do racismo à brasileira, o que ocasionará prejuízos imensuráveis não só para as crianças negras que tendem a desenvolver uma baixo autoestima como, também, para as brancas que poderão se sentir superiores a estas.



Muitas/os dessas/es docentes têm carência de conhecimentos que as/os auxiliem no trabalho com essa literatura. Elas/eles sequer tiveram momentos de formação e reflexão sobre essas obras, tampouco participaram de discussões que ressaltassem a importância desses livros para as crianças que se enxergariam nas personagens e nas narrativas, despertando o encantamento pela literatura e por si mesmas

MÓDULO 2

Tema: A leitura de imagens: diálogo entre texto e ilustração

É sabido o quão significativo é a necessidade de aprendermos a interpretar as imagens, pois elas, juntamente com o texto verbal, compõem o livro infantil. Especialmente diante de uma literatura historicamente racista, a importância da ilustração é maior e requer, de nós, educadoras e educadores, extrema atenção e cuidado nas escolhas e modos de mediação. Nessa perspectiva, este módulo explora a leitura de imagens e suas complexidades.

Na literatura infantil ainda permanecem, nos acervos de bibliotecas escolares, obras em que as imagens são verdadeiras bizarrices racistas e preconceituosas. Concordamos com Heloisa Pires Lima (2005), que afirma:

Toda obra literária, porém, transmite mensagens não apenas através do texto escrito. As imagens ilustradas, também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado. Se examinadas como conjunto, revelam expressões culturais de uma sociedade. A cultura informa através de seus arranjos simbólicos, valores e crenças que orientam as percepções de mundo. E se pensarmos nesse universo literário, imaginado pela criação humana, como espelho onde me reconheço através dos personagens, ambientes, sensações? Nesse processo, eu gosto e desgosto de uns e outros e formo opiniões a respeito daquele ambiente ou daquele tipo de pessoas ou sentimento. (LIMA, 2005, p. 101-102).





Dessa forma, podemos entender que a obra literária não deve ser um espaço neutro de palavras e ilustrações sem lógica. Não podemos mais aceitar que nossas bibliotecas e estantes de sala de aula não tenham espaços para livros que representem nossas crianças negras de forma positiva, pois, na verdade, elas são maioria na escola e merecem esse destaque. O que nos cabe, também, é observar se essas obras provocam interesse e autoestima ou que apenas ilustram uma ou outra personagem negra estereotipada com nuances que destacam pobreza, escravidão, abandono, marginalidade, servidão, feiura, e outras características negativas das quais já tivemos o desprazer de conviver em nossas infâncias.

Durante anos a literatura infantil sofreu com a marca do racismo imagético. Vemos muitos livros com narrativas superpotentes, mas que perdem seu caráter encantador por suas imagens nada representativas. Não queremos aqui crucificar ou criticar esse ou aquela/e ilustradora ou ilustrador, mas é preciso refletir: o que nós mediadoras/es da leitura literária devemos observar ao propor uma leitura? O que estamos levando para a sala de aula?

A leitura descontextualizada e estereotipada sobre personagens negras/os nos livros literários pode ter passado por nós educadoras/es em nossos anos de escola, mas não podemos permitir que isso se reproduza. Vale aqui mostrar um questionamento feito por Oliveira (2005) a nós profissionais da educação para refletirmos sobre nós mesmos e o que podemos a partir disso:

[...] pensemos nas leituras realizadas ao longo de nossa história, reflitamos sobre as imagens tecidas por meio da mídia: das novelas, outdoors, cartazes escolares, revistas... Como é delineada a face do negro nesses textos prezado(a) interlocutor(a)? Vou ousar um pouco mais em minhas provocações: e as histórias que a maioria de nós ouvimos, as que contamos, as que conhecemos, quais são os heróis? Como são eles? O que fazem? Entre estes, quais e quantos heróis negros povoaram o nosso imaginário?

Questiono ainda, quais histórias estamos priorizando (e/ou dando) às crianças e jovens (alunos, alunas, sobrinhos, sobrinhas, filhos...). Nessas histórias há personagens negros? Quais papéis exercem? Não nos esqueçamos que não há textos inócuos, afinal quando escrevemos desejamos, consciente ou inconscientemente, passar uma mensagem para o leitor. [...] (OLIVEIRA, 2005, p. 115)

A partir do que foi posto, vamos observar duas imagens para entendermos melhor estas características:

Figura 1: Pai João Menino

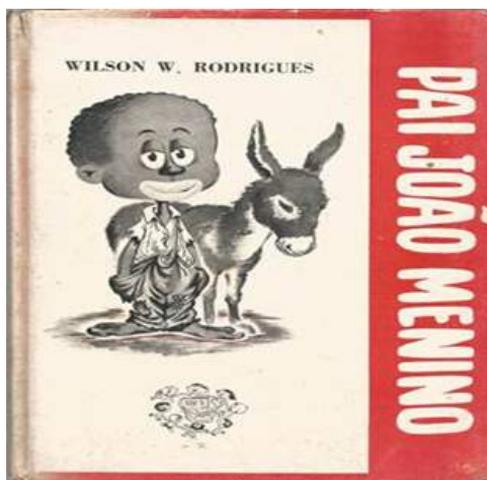


Figura 2: Caderno sem rimas de Maria



Na FIGURA 1, capa do livro "Pai João menino", de Wilson W. Rodrigues, publicado em 1949, a ilustração apresenta uma criança triste, de lábios completamente disforme aos lábios de uma criança negra. Seus pés estão descalços e virados para lados opostos, o que, por si só, já demonstra deformidade. Suas mãos estão escondidas nos bolsos e seu olhar extremamente cansado. A imagem toda é composta por uma sensação de tristeza, incluindo o animal.

Já na FIGURA 2, capa do livro "Caderno sem rimas de Maria", de autoria de Lázaro Ramos, publicado em 2018, podemos observar uma menina alegre, em um misto de sapequice e timidez, e com traços humanizados, cabelos com tiara de laços, um adorno que as crianças costumam gostar muito. A capa é convidativa e representa lindamente as meninas negras que normalmente encontramos nas salas de aula.

Embora escritos em datas distantes, ainda é comum encontramos livros literários para crianças com ilustrações semelhantes a primeira imagem. Não podemos incorrer no erro de que crianças não se preocupam com o que é visual, já que a leitura da imagem antecede a leitura do texto verbal. E, é nesse momento que elas podem perceber a estranheza ou representatividade que há entre a imagem e elas.

Nos livros de literatura infantil com temática da cultura africana e afro-brasileira, o olhar atento deve ser ainda mais apurado que nos demais livros, pois a, depender de algumas ilustrações, todo o conteúdo é comprometido. Vale destacar que o equilíbrio entre as duas linguagens contribui para a interpretação da obra feita por crianças, muitas delas ainda em processo de alfabetização e que necessitam de linguagens múltiplas.





MÓDULO 3

Tema: A educação literária: usos e abusos



A proposta deste módulo é abordar a educação literária em sala de aula para que possamos pensar em nossas práticas, incluindo limites e potencialidades. Muitas vezes, não temos noção de que nossa prática possa estar equivocada e, ao invés de contribuição, estamos realçando a inadequada escolarização do livro literário. Em um de seus textos, "A escolarização da literatura infantil e juvenil", Magda Soares (2011, p. 17) nos pergunta: "[...] que relações existem entre o processo de escolarização e a literatura infantil? Sob quais perspectivas podem essas questões ser analisadas?". Ou seja, é correto tornar a literatura infantil uma atividade com fins meramente didatizantes?

Não há fórmulas mágicas de dizer o que fazer e como fazer, mas existe a possibilidade de realizar apontamentos para reflexões: E se ao invés de apenas fazer a leitura a/o professora/or decidisse compartilhar a narrativa colocando a criança no centro do processo, oportunizando o protagonismo para que esse momento faça sentido para ela? Marisa Lajolo (1994, p. 15) afirma: "Ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer das nossas aulas." Lajolo chama-nos a atenção para o fato de que discussões e propostas para o uso do texto literário em sala de aula muitas vezes acabam por transformar-se em armadilhas para a professora ou o professor que, fragilizada/o, passa a adotar "técnicas milagrosas" para o convívio com o texto, que só estabelecem uma harmonia aparente, mantendo o desencontro entre o público leitor e o texto.

Para superar tais armadilhas didatizantes é importante que, mesmo antes de planejar uma aula de leitura literária, saibamos diferenciar livros que chegam em nossas mãos através da escola. Esses livros podem ser didáticos ou literários, embora haja outras categorias que não nos interessa discutir aqui.



O livro literário possui função artística, que preza pela estética e pela subjetividade para construir conteúdos ficcionais com base em fatos do cotidiano, memórias, reflexões e outras formas diversas de inspiração e contemplação imaginária. No entanto, isso não significa que eles não possuam uma função educativa ou informativa, porém não é interessante que as/os educadoras/es não se prendam, única e exclusivamente, a esse sentido denotativo. É importante que optemos por reconhecer o caráter eminentemente frutivo e a literariedade presente na obra.

Enquanto professoras/es mediadoras/es da leitura literária devemos estar atentas/os para que nosso ato de mediar não incorra em momentos de inadequada escolarização da literatura, mas da mediação que faça da criança um ser por si mesmo crítico e responsável por suas escolhas.

Para pensarmos práticas que não desconstruam a função artística dos livros de literatura na leitura literária, podemos recorrer e pensar sobre o que Soares (2011) nos alerta sobre a escolarização da literatura:

Assim, é contraditória e até absurda a afirmação de que 'é preciso desescolarizar a literatura na escola' (como tornar não escolar algo que ocorre na escola, que se desenvolver na escola?) ou a 'acusação' de que a leitura e leitor são escolarizados na e pela escola (como não escolarizar na escola? Como pode a escola não escolarizar?). o que, sim, se pode afirmar é que é preciso escolarizar adequadamente a literatura (como, aliás, qualquer outro conhecimento). (SOARES, 2011, p. 25)

De modo geral, a mediação da leitura pode ser vista como momento de ampliação dos referenciais culturais, envolvida por diferentes atividades, que também pode incluir aprendizado e sociabilidade. Portanto, precisamos buscar objetivos e práticas pedagógicas bem definidas que não se confundam com ensinar um conteúdo escolar desprendido do diálogo com a arte literária.



Essas duas ações se, ocorrem, devem ser conscientes, como alerta Soares (2011, p. 21-22):

Não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar 'saber escolar' se escolarize e não se pode atribuir, em tese, [...] conotação pejorativa a essa escolarização inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola. [...] na prática, na realidade escolar essa escolarização acaba por adquirir, sim, sentido negativo, pela maneira como ela se tem realizado, no cotidiano da escola. Ou seja: o que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o.

Diante disso, é importante nos aproximarmos de propostas que apresentem ações práticas de mediação da leitura literária para não cairmos no erro de práticas viciantes de escolarização sem medidas.

MÓDULO 4

Tema: Práticas de mediação da leitura literária



Num sentido geral a mediação da leitura literária envolve o contato com o livro por intermédio de outra pessoa. Mas no âmbito que aqui defendemos no espaço escolar vai além disso pois requer, da professora ou professor mediador, seu contato prévio com a literatura, ou seja, requer que ela/ele tenha um hábito da leitura literária, pois dificilmente podemos oferecer com qualidade aquilo que não é vivenciado por nós.

Considerando que o encontro da criança com a obra literária é um momento muito significativo, "[...] é fundamental que se coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a construir essas leituras" (COSSON, 2019, p. 23). A leitura é um canal de conhecimento, e quando oportunizamos o protagonismo às crianças, estamos fortalecendo essa aquisição de saberes por meio da leitura. Não queremos aqui colocar a/o mediadora/or em segundo plano, mas junto, orientando esse momento de leitura na medida em que a/o aluna/o vai apreciando seu protagonismo. Nosso papel na mediação, não é simples, porém, por muitas vezes, estamos acostumada/os a tomar todas as decisões o que torna a mediação unilateral, sem encanto e isolada.

Para o processo da mediação é preciso, como já mencionado no módulo anterior, superar práticas que reduzam a mediação da leitura a momentos de animação didatizantes. Sobre isso, Debus (2006) propõe, para o processo docente (que é também de mediação), uma tríade dialógica, composta pela pesquisa do repertório literário das crianças, engajamento e responsabilidade docente no processo de ampliação do repertório cultural delas:



Para um trabalho efetivo com o texto literário no âmbito das instituições educativas, é necessário constituir uma tríade produtiva dialógica, isto é, em primeiro lugar o professor deve conhecer e inventariar o repertório literário que as crianças possuem, aquelas narrativas que trazem do espaço familiar e social; em segundo, deve haver o comprometimento do professor para ampliar o repertório inicial delas; em terceiro, que ele assuma a responsabilidade de aguçar nas crianças a criatividade para a construção alargada de um novo/outro repertório. As crianças são pensadas aqui como autoras de sua 'própria' produção literária. (DEBUS, 2006, p. 21)

As crianças são produtoras de conhecimentos e não somente receptoras de algo que, às vezes, erroneamente, produzimos para elas. Quando pensamos no protagonismo infantil no sentido de que este possa oferecer condições criativas na mediação literária, estamos saindo do lugar de somente condutoras/es para incentivadoras/es e, muitas vezes, coautoras/res das inventices e criações literárias em momentos de mediação.

Temos aqui um alerta para nossa grande responsabilidade como mediadoras/es da leitura e como nossas escolhas de práticas de intervenção podem influenciar em ações positivas ou danosas para as/os envolvidas/os no momento de leitura, como também o que se vai levar para a vida após a leitura, Debus (2006), mais uma vez, nos orienta que:

É certo que se deve estar atento e de sobressalto àquelas práticas pedagógicas que, buscando assimilar de forma mais rápida possível uma visão de infância que respeite a criança como sujeito de história dentro da história, acabam por contemplar somente a produção cultural produzida pela criança resultando num espontaneísmo talvez cômodo, pois, numa interpretação errônea, crê-se que o professor é mero figurante de um processo em que ambos são protagonistas. Acredito que o ideal seria não dissociar a produção cultural produzida para a criança daquela produzida para a criança, isto é, pensar a criança como acolhedora e produtora cultural. (DEBUS, 2006, p. 22)



Nesse contexto, entendemos que nossas práticas pedagógicas são imprescindíveis para oferecer caminhos à produção intelectual da criança nos momentos de interação com a leitura literária. Cabe, a nós, ampliar possibilidades. Inclusive é possível buscarmos na memória aquelas práticas que de fato foram positivas para nós, em nossa infância, e ressignificá-las a todo instante. Muito do que experienciamos enquanto educandas/os podem servir como experiências para a nossa atuação docente, seja no sentido de inspiração (modelo) ou no sentido dos vícios a serem superados.

A mediação se dará de forma positiva se relacionarmos o nosso papel a duas perspectivas: profissionalismo e encanto. Como aqui será possível reconhecer, com muitos e variados suportes de leitura hoje em dia, podemos criar e recriar práticas que intertextualizam as leituras e proporcionam ambientes incríveis para o contato da criança com a literatura.

Vamos discorrer sobre algumas dessas possibilidades criativas para nossa prática diária, ainda que reconhecendo aquilo que for interessante para algumas pessoas, poderá ser remodelado para outras. Se vamos ler, ou ouvir as narrativas em voz alta, ou proporcionar momentos de leituras silenciosas, precisamos estar atentas/os aos recursos que iremos oferecer. Qualquer que seja a estratégia escolhida, isso exigirá de nós a exposição no ato de falar, calar e ouvir numa dinâmica que envolva todas/os participantes, e que estes estejam à vontade para se expressar e interagir.

De acordo com Debus (2006), são muitos e variados os recursos para iniciarmos a mediação da leitura, tais como: os contos desenhados, contos que as caixas contam, o avental, dobraduras e origamis, caracterização de personagens, dentre outros. Do livro folheado em mãos a livros animados em aplicativos virtuais, temos uma infinidade de suportes para criarmos, e isso pode ocorrer com maior ou menor intensidade dependendo dos recursos que a escola possa oferecer.



Mas com as novidades dos recursos tecnológicos, dificilmente ficaremos sem condições de criar e recriar já que a internet nos oferece novidades todos os dias em vídeos, aplicativos, plataformas de animação, em diferentes suportes textuais em diferentes contextos. Equipamentos como computador, celular, notebook, tablets, televisão, são aliados importantíssimos quando queremos inovar e provocar a intertextualidade no momento da leitura. Saímos da leitura narrativa para audição com músicas em questão de segundos, já que essa nova geração que nos cerca está sempre muito atenta e disposta a essas tomadas de viradas no percurso na mediação.

Outras práticas já comuns no ambiente escolar envolvem as oficinas de mediação, como nos apresenta Cosson (2019, p. 121).

As atividades que serão apresentadas a seguir realizam-se, em grande parte, em sala de aula nas mais diversas circunstâncias. [...] o importante é que o professor perceba que essas atividades são possibilidades que só adquirem força educacional quando inseridas em um objetivo claro sobre o que ensinar e por que ensinar desta ou daquela maneira, isto é, elas devem estar integradas em um todo significativo, no caso a sequência básica ou a expandida ou outra criada pelo professor.

As atividades aqui elencadas, descritas por Cosson, muitas dessas já conhecidas de mediadoras/os, são alguns exemplos do que podemos realizar em sala de aula como também em espaços abertos da escola. Alguns exemplos são: palavra-sensação, a flor do seu nome, carteira de identidade, quadrilha, palavra-chave, acróstico, final contrário, em busca da solução, palavras e afetos, relógio, história desventurada, lações de palavras, o novo personagem, dominó narrativo, entrevista imaginária, o visitante, júri simulado, jogral, pesquisa de opinião, diários, varal poético, mural de leitura, autobiografias, mudando a história e outros.

Essas atividades podem ser encontradas em diferentes sequências didáticas em sites de busca ou bibliotecas.



São exemplos de propostas possíveis de realização com qualquer tipo de literatura, mas que requerem, da literatura infantil com temática da cultura africana e afro-brasileira, alguns cuidados especiais.

Por meio de um "roteiro para a seleção de livros" com tal temática, Araujo (2021) reuniu importantes observações para a escolha de obras de valorização da cultura africana e afro-brasileira. Para tanto, a autora propõe uma metáfora a partir do "prato de comida":

Para que possamos entender melhor a importância de um acervo literário rico para a formação do repertório cultural de uma pessoa, proponho agora uma metáfora: pense num prato de comida. Na perspectiva nutricional, quanto mais colorido, mais rico, do ponto de vista alimentar, é aquele prato. Da mesma maneira opera a arte literária: ofereça única e exclusivamente um tipo de literatura, com tipos humanos parecidos entre si, com trajetórias e narrativas similares e você terá uma formação literária pobre de 'nutrientes' culturais. Agora, ofereça, diariamente, um acervo rico de diversidade humana, com gêneros textuais múltiplos e com as mais diferentes experiências vivenciadas por personagens... O resultado será a formação de leitores/as com repertórios altamente enriquecidos! (ARAUJO, 2021, p. 1)

Se a riqueza "nutricional" se dá pelo contato com a diversidade literária, antes mesmo de qualquer ação de mediação da leitura é importante pensar no conteúdo das obras. A autora propõe algumas perguntas a serem feitas:

- 1) Qual é o nível de importância da(s) personagem(ns) negra(s) no texto?
- 2) É uma personagem principal ou secundária? Se é secundária, qual seu grau de atuação na trama: serve apenas como 'figurante' na obra ou tem voz e atitude independente? Se for principal, a narrativa gira realmente em torno dela ou outra personagem não negra (ou não humana) ocupa maior espaço na trama?



3) Se a personagem é protagonista, ela é a própria narradora (narrador-personagem) ou alguém fala por ela no texto (narrador em terceira pessoa)? Se for o segundo caso, este narrador ou narradora considera o modo da personagem de olhar o mundo à sua volta?

4) O tema do texto aborda questões de valorização da cultura africana ou afro-brasileira? Ou apenas retrata cenas de tristeza, mazela e dificuldades vivenciadas pela personagem? Veja, não devemos negar que os desafios compõem a própria narrativa, mas é preciso observar qual a mensagem predominante no texto: sofrimento ou resistência e orgulho?

5) O texto subestima a capacidade interpretativa da criança, ou seja, considera que ela não é capaz de interpretar informações básicas?

6) O texto apresenta resolução de conflito óbvia e artificial ou possibilita que a criança produza inferências sobre o desfecho da narrativa?

7) O texto contém estereótipos ou palavras que reforçam discursos ou interpretações racistas?

8) O texto promove a valorização da cultura africana e afro-brasileira?

9) O texto apresenta linguagem (bem como quantidade de palavras por página) adequada à faixa etária das crianças? Essa linguagem é atrativa? Requer mediação por parte de um/a adulto/a ou a própria criança consegue ler o texto combinando a narrativa verbal com a imagética?

10) Se o texto contiver informações sobre países africanos, bem como palavras de idiomas de lá, você consegue pesquisar dados para contribuir com a leitura? Cabe observar que muitos dos livros africanos traduzidos para o Brasil apresentam, ao final da narrativa, um glossário ou até mesmo mapas e outras informações para melhor entendimento do texto. (ARAUJO, 2021, p. 5)

Perguntas como essas favorecem também a escolha das estratégias de mediação da leitura. Por fim, Araujo aponta algumas observações e ressalvas, caso a estratégia seja de leitura em voz alta para as crianças. A primeira é valorizar cada cena e cada personagem negra, mas deixando margem para as interpretações e inferências das crianças: "Em outras palavras, não 'force a barra' para que as crianças vejam como positivos os corpos negros pois isso pode incidir, com o tempo, numa aversão,



já que foi feito de modo artificial" (ARAÚJO, 2021, p. 7). Para tanto é importante escolher o tom de voz agradável, de modo a "[...] demonstrar o que você também pensa sobre a estética das personagens", além de agregar "[...] eventuais intervenções das crianças sobre a semelhança de si próprias às personagens (tipo: 'tem o cabelo igual ao meu', 'eu tenho cor igual a dela')" (ARAÚJO, 2021, p. 7).

Por fim, cabe também destacar brevemente que a mediação da leitura não se encerra com a história em si. É possível desenvolver atividades posteriores como desdobramentos do conteúdo explorado pela obra lida ou contada. E isso vai além dos meros clichês, como reflete Araujo (2021, p. 7) sobre quando perguntamos às crianças se elas gostaram ou da história e pedimos que desenhem sobre. "Mesmo em roda de leitura costumamos nos limitar a algumas atividades comuns como: você já tinha visto ou vivido uma história assim? Por que você gostou ou não gostou do livro?" (ARAÚJO, 2021, p. 7). Essas são possibilidades, mas não podem e não devem ser as únicas. Outros exemplos propostos pela autora envolvem:

- 1) A confecção de objetos similares ao objeto de estimação do/a protagonista ou, ainda, de brinquedos decorrentes da história;
- 2) Canto de alguma música ou cantiga (caso o livro não contenha) que rememora o conteúdo do texto;
- 3) Brincadeiras ou jogos decorrentes da narrativa ou do poema;
- 4) Envolvimento das famílias: recontagem do livro (caso haja exemplares disponíveis a todas as crianças) em casa com a proposição de atividades coletivas com os membros da família sobre o impacto da obra.
- 5) Principalmente: caso a atividade envolva a produção de desenhos, é imprescindível oferecer às crianças lápis ou giz de cera com diversos tons de pele para que elas próprias explorem o registro gráfico dos corpos ilustrados no livro. Ainda que crianças em idades menores a escolha das cores do tom de pele costuma ser feita de modo aleatório, deixe disponível a elas também tons que correspondem às diversas cores da pele humana.



E, mais uma vez, não 'force a barra': não induza a criança a pintar todos as personagens de marrom ou preto pois seu senso estético está em elaboração e as escolhas também devem compor sua construção imagética. (ARAUJO, 2021, p. 7)

Esses cuidados devem ser tomados para proporcionarmos às crianças ações antirracistas tendo em mãos livros literários. Creio que muitas das estratégias aqui mencionadas já foram utilizadas em nossas aulas, mas é possível que nunca tenhamos observado o quanto elas são importantes para mediarmos a literatura infantil de temática africana e afro-brasileira.

Precisamos todos os dias pensar em algo que nos motive, que nos entusiasme para que tenhamos experiências produtivas e atrativas para levar às nossas crianças negras e brancas. Não podemos nos esquecer e retomar a importância das formações que sempre serão momentos para trocarmos experiências e aprendermos mais e mais ao narrar nossas práticas bem-sucedidas em momentos de mediação literária, pois em conjunto é mais fácil compreender onde estão nossas falhas e encontrar saídas para reinventá-las.



6 - SUGESTÃO DE EIXOS TEMÁTICOS E RESENHAS LITERÁRIAS PARA DIÁLOGO EM PRÁTICA

A resenha é um gênero textual de caráter técnico muito comum em jornal impresso, livros didáticos e no meio acadêmico. Semelhante ao resumo, o objetivo deste texto é analisar e descrever os principais pontos de uma obra literária, filme, peça teatral, exposição e demais atividades artísticas, para facilitar a transmissão do conteúdo para um outro leitor e aguçar sua curiosidade ou crítica. Embora haja diferentes tipos e características de resenhas, aqui pretendemos levar a professoras/es resenhas literárias que possam colaborar com suas práticas de mediação da leitura com obras infantis de temática africana e afro-brasileira. E foi em decorrência dos debates no interior do grupo LitERÊtura sobre a qualidade de livros de literatura infantil que valorizam a cultura africana, afro-brasileira ou a identidade negra no Brasil, que, a partir de 2019, o grupo iniciou uma proposta intitulada "Sexta-Negra Literária: resenhas de literatura infantil com temática da cultura africana e afro-brasileira".

Conforme descreve o site do grupo LitERÊtura:

A Sexta-Negra Literária é fruto de um desejo do grupo LitERÊtura de compartilhar nossas impressões e interpretações sobre os livros de literatura com temática da cultura africana e afro-brasileira que lemos. Todas as obras compõem nosso acervo, que está em constante atualização. Tem como inspiração o projeto 'Literatura Infantil e Juvenil produzida em Santa Catarina: escritores, ilustradores, tradutores e seus títulos', do Grupo Literalise, da Universidade Federal do Santa Catarina, sob coordenação da profa. Eliane Debus.

O conteúdo e formato dos textos obedece a algumas regras, a saber:

O Sexta-Negra Literária tem como natureza o registro de resenhas curtas dentro dos limites de caracteres do Instagram.

A escolha dos livros envolve: a qualidade literária do livro infantil e juvenil com temática da cultura africana e afro-brasileira, o interesse e gosto da autora ou do autor do texto, as potencialidades de fruição literária que a obra proporciona e as possíveis contribuições para o fortalecimento da identidade de crianças negras.

No sentido de respeitar as regras dos direitos autorais, não publicamos, em nossas resenhas, todas as páginas do livro e também não apresentamos o enredo em sua íntegra.

A ideia das resenhas é muito mais de estimular o interesse e curiosidade sobre a obra (LITERÊTURA, 2021).

Cabe informar que as resenhas aqui selecionadas são apenas sugestões e que no Instagram do LiTERÊTura podem ser acessadas outras com a mesma tipologia e mesma qualidade. Os eixos abordados para diálogo em sala de aula também não se esgotam nas obras aqui indicadas e a busca por mais informações é um caminho de muitas surpresas e novas descobertas. Aventure-se.



6.1 - FAMÍLIA E COMUNIDADE



A família é uma comunidade onde podemos encontrar amor, carinho, conforto, brincadeiras, choros, brigas, alegria e muito mais. Não estou aqui falando somente daquela sociedade familiar entre parentes, mas também daqueles que nos rodeiam e passam por nossas vidas. São a família, os amigos, vizinhos, colegas de escola que nos ajudam a compor quem somos e como somos.

Na cultura africana, a família e a comunidade são espaços interligados e muito valorizados para formação e fortalecimento da tradição do povo. Não importa como é composta essa família e sim quem as compõe, e os laços afetivos que encontramos quando estamos juntos ou mesmo distantes. Abordar a importância da família e suas relações é muito importante na formação da identidade da criança negra, pois é o lugar onde ela mais convive e expressa suas experiências. De acordo com Araujo (2019, p. 114):

É na interação com o grupo que os laços afetivos, estéticos e culturais da criança são fortalecidos. Talvez por isso a ideia de comunidade seja um elemento realçado na produção literária de temática da cultura africana e afro-brasileira. É também na comunidade que a criança amplia seu repertório sociocultural.

Como sugestão para abordagem sobre essa interação social com nossas crianças, elencamos aqui quatro resenhas de obras literárias que compõem conteúdos excelentes que podem contribuir muito no planejamento dos momentos de ações na mediação da leitura literária. Lembrando que apesar da indicação ser para o tema proposto, os livros aqui indicados podem ser explorados em inúmeros temas. A boa leitura e criatividade farão fluir muitas e belas possibilidades.

Os livros aqui mencionados são: "Da minha janela", "Os tesouros de Monifa"; "Enquanto o almoço não fica pronto"; "A mãe que voava" e "Cheirinho de neném".

DA MINHA JANELA,

Escrito por Otávio Junior e Ilustrações de Vanina Starkoff



Por Mariana Souza @mariana_souza @devaneiosdemari -
Mestra em Educação/UFPR. Pesquisadora do NEAB/UFPR e do
LitERÊtura

Eu mudei de cidade faz um mês e meio. Nesse tempo, ir à varanda para observar as cenas cotidianas têm sido uma experiência muito agradável. Quando deixamos nossos olhos encontrarem as sutilezas da vida lá fora, podemos vivenciar sensações incríveis, como nos conta o livro "Da minha janela", escrito por Otávio Junior e ilustrado por Vanina Starkoff. A obra foi publicada em 2020, pela editora "Companhia das Letrinhas", e ganhou o prêmio Jabuti de Melhor Livro Infantil.

O protagonista, que vive em uma favela, descreve diversas situações e paisagens que ele percebe, da sua janela. Ele revela seus sentimentos sobre diferentes aspectos: uma paisagem da natureza, brincadeiras entre as crianças, pessoas indo para o trabalho ou escola... A narrativa demonstra o olhar repleto de imaginação de uma criança que sonha, é inteligente e tem opiniões sobre as circunstâncias ao seu redor.

As ilustrações exibem diversidade de cores, como também inúmeros detalhes. Isso pode possibilitar uma infinidade de histórias a serem recontadas pelas crianças leitoras, já que as imagens apresentam várias situações para os/as pequenos/as identificarem.

A narrativa transmitiu, para mim, verdade e beleza, bem como despertou um sentimento profundo de ternura. Em outras palavras: eu me apaixonei pelo livro rsrs... Então, fica o convite para você também adentrar na história mágica e real da obra literária "Da minha janela".

OS TESOuros DE MONIFA,

de Sonia Rosa Ilustrado por Rosinha



Por Daniela Alacrino @dani.alacrino - graduanda em Letras
Português/UFES e pesquisadora do LitERÊtura

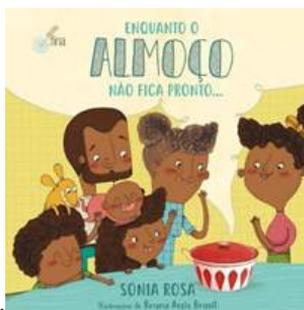
A história de hoje de Sonia Rosa, publicada em 2009 pela editora Brinquebook e ilustrado por Rosinha, narra sobre um tesouro que está presente na família e na história de Abgail. Sua bisavó, chamada Monifa, veio do continente africano para o Brasil na condição de escravizada, junto com familiares e amigos. Uma vez separada dessas pessoas, Monifa ficou sozinha. Quando Abgail cresceu e construiu sua própria família aqui no Brasil, ela não só contou essa história a sua neta, como também lhe explicou o significado do nome de Monifa: quer dizer "eu tenho sorte".

Além de sorte, Monifa deixou um tesouro que passou pelas mãos das próximas gerações de sua família e agora seria entregue para neta de Abgail no dia do aniversário da menina. Ao receber esse tesouro, a neta sabia da importância daqueles objetos e o tomou para si com muito cuidado e respeito.

O tesouro valia muito, bem mais que moedas de ouro. E Monifa sabia que as próximas gerações da família o teriam por um longo tempo. Ele não se perderia, pois a memória é o elemento que não nos permite esquecer. E como lembrança, Monifa deixou seus diários (ou tesouros) para gerações futuras com simpatias, rezas, trechos de músicas, sonhos e muitas outras coisas. Agora que descobriu quais são os tesouros de Monifa, que tal ler essa história completinha e marcar a nossa página, nos stories, mostrando um objeto que pertence a sua família e destacar o que ele representa para você e seus familiares? Se não tiver um objeto, pode ser uma história, uma música ou lembrança. Estamos ansiosas/os para saber sobre o tesouro de vocês!

ENQUANTO O ALMOÇO NÃO FICA PRONTO,

de Sonia Rosa e Ilustrado por Bruna Assis Brasil



Por Ayodere Floriano Silva @ayoderefloriano - mestranda no PPGE da UFScar e membra do LiTERÊtura

Sabe aquele tempo esticado de espera que dá espaço para muitos acontecimentos? É o que retrata o livro "Enquanto o almoço não fica pronto", escrito por Sonia Rosa, com ilustrações de Bruna Assis Brasil e publicado pela editora Escrita Fina, em 2020. Com uma poesia e ilustrações saborosas feitas pela Bruna Assis Brasil, vamos conhecer uma família que aproveita aquele tempo em que a refeição vai sendo preparada pra ficar juntinha e bem longe da televisão, celulares ou computadores.



Ao ler esse livro, fui levada ao passado, de quando eu era uma menina que aguardava o almoço de domingo ficar pronto. Nesses momentos, a casa era preenchida por sons, aromas e movimentos que lhe davam vida. O som da música negra norteamericana fazia dueto com chiado da panela que cozinhava o feijão. O aroma de alho refogado se misturava com o do sabão em pó da roupa lavada no varal. Era nesse cenário que a minha família dançava, cantava, conversava, ria e ia fazendo as atividades domésticas cotidianas, que eu assistia com olhos de criança. Nos meus domingos de infância, esses rituais cabiam no tempo esticado da espera do tão esperado almoço.

"Enquanto almoço não fica pronto" é um convite para relembrar e ressignificar o tempo de encontro antes, durante e depois de um momento tão comum entre muitas famílias nos finais de semana. Por isso eu pergunto: e na sua família, o que vocês fazem enquanto o almoço não fica pronto?



A MÃE QUE VOAVA, de Caroline Carvalho e Ilustrado por Inês Fonseca

Por Cláudia Patrocínio @patrocinoiz - Graduada em Letras-Português (UFES) e integrante do LiTERÊtura.

Hoje quero compartilhar com vocês um segredo: sabiam que as mães voam?! Sim, é verdade e o livro A MÃE QUE VOAVA, de Caroline Carvalho, pode provar. Publicado em 2018, pela editora Aletria, a obra nos mostra essa grande descoberta feita por de Alice, uma menina linda e com olhos bem curiosos.

Alice adora ficar grudadinha com sua mãe e chamar bastante por ela durante o dia. Mas, como a mãe dela precisa sair para trabalhar, aí é o papai quem entra em ação e os dois se divertem e brincam muuuito.

E vocês acham que Alice fica cansada? Até parece rsrs... ela ainda guarda energia para quando a mãe chega.

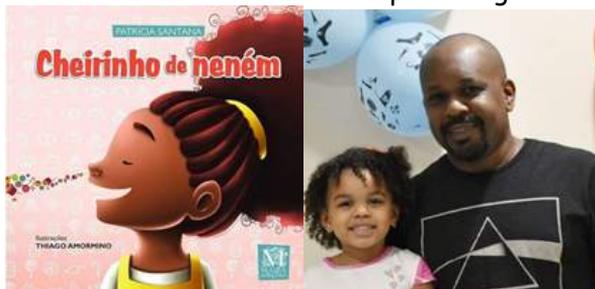
As ilustrações de Inês da Fonseca realçam as expressões da protagonista e os longos cabelos esvoaçantes de sua mãe. Os tons de rosa e azul são presentes e transmitem a leveza e o amor dessa história repleta de afetos.

Ao ler essa história, fiquei bem emocionada ao lembrar da minha mãe, Gessi, que, assim como a mãe de Alice, tem váaaarioos superpoderes. Um deles foi ter me gerado no coração.

Então, convido vocês a conhecerem essa história e também a me contar qual é o superpoder que você mais admira em sua mãe ou em quem cuida de você

CHEIRINHO DE NENÉM,

de Patrícia Santana Ilustrado por Thiago Amormino



Por: Eduardo da Silva Araujo @eduprofessor - mestre em Educação (PPGMPE/UFES) e pesquisador do LiTERÊtura, em colaboração com Helena Terra Araujo

Ao ler um texto infantil, um adulto pode facilmente ter sua experiência estragada ao atentar excessivamente para técnica, forma, estrutura, etc. A criança, pelo contrário, se entrega à obra, absorvendo tudo e decidindo se gosta ou não.

Sendo assim, para a missão de escrever sobre uma obra infantil, convidei minha filha Helena, com seus 4 aninhos recém-completados, para ler comigo "Cheirinho de neném", de Patrícia Santa, e me emprestar seus olhos e percepções de criança. Como ela ainda não escreve, fizemos um vídeo para que vocês possam ver as reações dela. Basta acessá-lo pelo IGTV do LiTERÊtura: <https://www.instagram.com/tv/CAMX7Y1D8fb/>

Na história, acompanhamos a menina Iara e a chegada de seu irmãozinho, Abayomi. O sentimento de novidade e a construção dos laços afetivos entre irmãos dão o tema ao livro. A doçura e delicadeza da narrativa, aliada às belíssimas ilustrações de Thiago Amormino, nos fazem praticamente sentir o cheirinho de neném, de carinho e de irmandade.

Esse livro, publicado pela Mazza Edições em 2011, tem a rara capacidade de envolver seus leitores e leitoras numa aconchegante atmosfera em que cheiros e afetos se entrelaçam, de forma quase palpável. Uma obra absolutamente deliciosa, a qual eu e Helena te convidamos também a ler/sentir!

6.2 - CABELO

O cabelo... Quem de nós, negras e negros de cabelos crespos ou cacheados, nunca teve o desejo de ter o cabelo liso para evitar as chacotas na escola e até mesmo para não sentir dor ao pentear?

Esse tema é muito relevante e deve ser tratado com muita dedicação, cuidado e conhecimento por mediadoras/res. Estamos aqui falando de algo que compõe nosso corpo, nossa aparência, nossa herança, ou seja, o nos pertence em sua totalidade.

Saber conduzir uma leitura em que a beleza negra seja realçada, e aqui em especial a do cabelo, é um caminho para a desconstrução do racismo na sala de aula e oferecer à criança o contato com obras literárias que contenham representações positivas e agradáveis de sua imagem e beleza.

Grada Kilomba (2019), em sua obra "Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano", ao escrever sobre nossa relação com o cabelo diz:



Dreadlocks, rasta, cabelos crespos ou 'black' e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial. Eles são políticos e moldam as posições de mulheres negras em relação a 'raça' gênero e beleza. Em outras palavras, eles revelam como negociamos políticas de identidade e racismo [...]. (KILOMBA, 2019. p. 127).

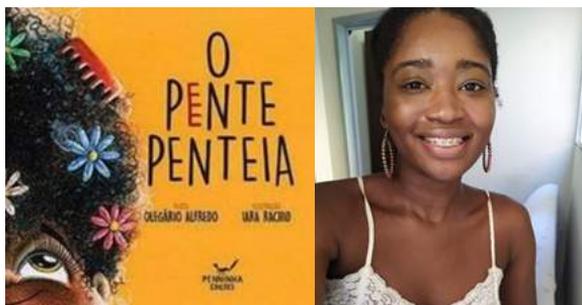


Como observamos, o cabelo não é somente um tema para reflexão de questões estéticas, mas, também, um elemento de diálogo para questões que extravasam as possibilidades de mediação para ações antirracistas. Nossas crianças precisam se ver, se reconhecer, se amar como são e saber que seus cabelos são coroas que carregam muita história, lindas histórias, muita luta e vitórias... o berço da história.

Apontamos aqui três obras que dão um show de qualidade quando o tema é cabelo. São elas: "O pente penteia"; "Nikké" e "Meia curta". Aqui são apenas três, mas há muitos outros livros que contemplam o tema.

O PENTE PENTEIA,

por Olegário Alfredo Ilustrado por Iara Rachid



Por Daniela Alacrino @dani.alacrino - Graduada em Letras-Português/UFES e pesquisadora do LitERÊtura

A nossa resenha de hoje, publicada pela editora Peninha Edições em 2015, é sobre a obra "O pente penteia", escrita por Olegário Alfredo e ilustrada por Iara Rachid. Como indica o texto, o tema é o pente, esse objeto que penteia diversas personalidades: a menina com um Black poderoso, a sereia sentada na pedra, o cabelo do galã e em algum momento penteou também o cabelo do careca.



O autor nos revela diversas situações na qual o pente é utilizado por pessoas diferentes. A ilustração, com cores vibrantes, compõe essas cenas e mostram cabelos sendo penteados. O pente garfo, por exemplo, comumente usado por nós, negros e negras, possui uma simbologia muito importante: de resistência.

"O pente penteia"...rsrs... como diz o título do livro, mas também pode ser utilizado para dividir o cabelo na hora de fazer tranças ou ainda pode dar volume, como o pente garfo. Os nossos cabelos, por muito tempo, foram associados à sujeira e à ideia de que não podem ser penteados. Ao contrário do que imaginam, os dias em que lavo e penteio o meu Black é uma terapia.

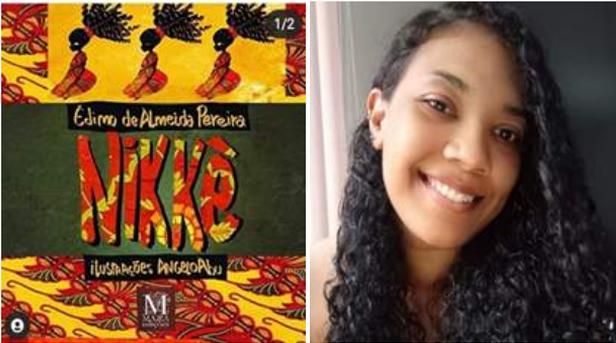
Na hora de finalizar, divido minuciosamente as mexas macias do cabelo, depois aplico um pouco de creme no comprimento. Com todo cuidado, penteio as pontinhas e espero o vento entrar sobre os fios crespos que vibram com o encontro do ar. Quando fica completamente seco, finalizo com pente garfo.

Agora que conheceram um pouquinho sobre nossos cabelos por meio deste lindo livro, convido vocês a também lerem a obra e compartilharem com a gente a relação de vocês com o cabelo.



NIKKÈ,

de Édimo de Almeida Pereira e Ilustrações de Angelo Abu



Por Laís Marcellos Barcelos - @laismbarcelos - Graduada em Pedagogia e pesquisadora do LiteERÊtura

Apertem os cintos, pois na SEXTA-NEGRA LITERÁRIA de hoje vamos viajar junto de Nikkè. O livro - que leva o mesmo nome da protagonista, Nikkè - é quem nos guiará durante a história que é dividida em duas partes.

Na primeira, temos o encontro da menina com duas belas mulheres: uma com os cabelos da cor do dia e outra da cor da noite. Nesse encontro, a protagonista as ajuda numa decisão a ser tomada cuja chave principal é o equilíbrio. Já na segunda parte do livro, Nikkè é envolvida por uma canção que encanta seus ouvidos e, movida pela curiosidade, decide conhecer de onde vem o som daquele lugar distante.

A narrativa nos prende do início ao fim! Assim como Nikkè, eu me senti imersa na combinação de cores e descobertas que ela faz ao longo de suas viagens. Para ajudá-la a percorrer os caminhos de um lugar para outro, a menina conta com o auxílio de um elemento importante que ela mesma ajuda a desenvolver na primeira parte da história. Hum... sei que a curiosidade está aumentando, né? 😊



Na leitura, temos a sensação de flutuar em um mar de estrelas, envolto de imagens e palavras que unem céu e terra. Ah, como eu queria ser Nikkè por alguns minutos e poder viajar para lugares tão encantadores!

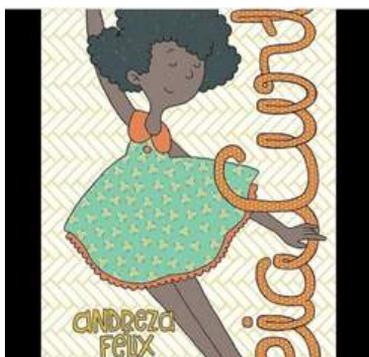
Sem dúvidas, essa se tornou uma de minhas histórias favoritas. A união de palavras que simbolizam temas relacionados à natureza e ao universo permite que leitoras/es se sintam viajantes junto à Nikkè. Além de tudo isso, podemos conhecer um pouco + sobre um alimento que na história recebe o nome de "poeira amarela"... Você imagina qual seja?

Convido vocês a embarcarem nessa viagem junto com Nikkè e descobrirem sua grande missão!

Basta copiar o link abaixo e rolar o vídeo até os 16min e 42segundos:

<https://www.youtube.com/watch?v=w2c4KVTowSg>





MEIA CURTA, de Andreza Félix e ilustrações de Santiago Régis

Por Amanda Ribeiro de Almeida @almeida8188 - Graduada em Letras - Português/UFES e pesquisadora do LiTERÊtura.

A história de hoje é sobre uma bailarina e suas meias. Longas, curtas, coloridas, de todos os jeitos. Pessoalmente, sempre gostei de meias coloridas. Quando pequena, eu as usava para deixar o uniforme sem graça da escola um pouco mais divertido. E, depois de adulta, ainda não sei ficar sem comprar um bom par com estampas engraçadas. Tenho uma coleção grande, com formas geométricas, de tecidos e cores diferentes. Então, fiquei feliz em saber que eu e a bailarina de MEIA CURTA, obra de Andreza Félix, temos esse gosto em comum (além de eu também perder minhas meias constantemente) 🤔

A menina, muito estilosa, nos mostra suas gavetas, além de nos contar como usar meias curtas (que ela na verdade não gosta muito) a salvou de sofrer um acidente. É uma história simples e graciosa que, para além de todo esse papo de meias, nos apresenta uma pequena bailarina que não tem medo de se expressar, dançar e de valorizar sua própria imagem, seja brincando com penteados ou se vestindo de maneira única. Inclusive, as ilustrações de Santiago Régis são um show à parte: a cada página, vemos a bailarina com uma nova roupa, bem colorida, algo realmente de encher os olhos.

A história me deu saudade das tardes em que eu revirava as gavetas e me aventurava nas misturas com minhas roupas de criança. E você? Como usa suas meias?



6.3 - PELE



Temos nossa linda e negra pele com vários tons e encantos. Embora bela e encantadora, essa pele que nos veste também é motivo de muito sofrimento e desconforto por causa do racismo que sofremos por onde quer que andamos. Dialogar sobre a pele negra não é muito confortável para muitas/os professoras/res, muitas vezes por pouca familiaridade ao abordar o tema. É urgente que esse desconforto não mais exista, principalmente no espaço escolar. Dialogar sobre a cor da pele com as crianças pode ser fantástico e revelador, e por vezes, chocante. Os muitos relatos tristes advindos de uma realidade vivida e expressa por alunas e alunos podem ser doloridos, mas não podemos deixar que o silêncio nos cale diante de uma temática tão necessária para elevar a valorização e autoestima da criança negra.

Ver-se representada/o nas páginas de livros de lindas histórias é um direito a ser acessado na sala de aula, comunidade e ambiente familiar. O que vemos, normalmente, no dia a dia da escola são obras que reproduzem o ver, o ter e o ser branco. Kilomba (2019, p. 154) nos adverte para a realidade que:

[...] o sujeito negro se encontra forçado a se identificar com a branquidade, porque as imagens de pessoas negras não são positivas. 'Havia todas essas imagens terríveis de pessoas negras nos livros [...] ou na televisão, nas notícias, nos jornais, basicamente em todos os lugares [...].

Para auxiliar nessa tarefa, a mediação com obras da literatura infantil com temática da cultura africana e afro-brasileira é um caminho perfeito. Aqui selecionamos obras que nos ajudam a vencer esse silêncio e fazer muito barulho, barulho bom, nas aulas de leitura literária. As histórias narradas nesses livros são cheias de descrições encantadoras e muito positivas para o bem-estar de nossas/os alunas/os. São três obras lindíssimas intituladas: "Sulwe; "O "Pequeno Príncipe Negro" e "Amoras".

SULWE,

de Lupita Nyong'o e Ilustrações de Vashti Harrison e tradução
de Rane Souza



Por Mariana Souza @mariana_souzza - pesquisadora do
LiTERÊtura e mestra em Educação/UFPR

Você já olhou para o céu, durante a noite, e ficou encantada/o com as estrelas? Quem já fez isso e viveu uma experiência muito agradável foi a personagem principal da história de hoje: Sulwe.

Esse nome significa "estrela" em Luo, uma língua falada lá no Quênia, país onde a autora do livro, Lupita Nyong'o, passou a infância. A obra literária foi publicada pela editora Rocco Pequenos Leitores, em 2019.

A protagonista, que tem a pele "da cor da meia-noite", se sentia muito triste por receber pouquíssimos elogios, diferentemente de outras crianças que eram queridas e admiradas. Mas, tudo mudou quando uma estrela cadente entrou em seu quarto e a convidou para uma viagem completamente inesperada...

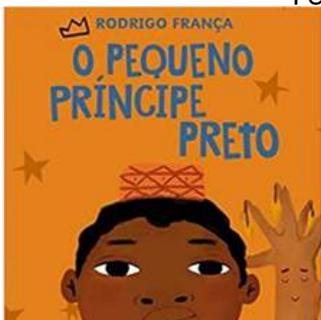
As ilustrações, criadas por Vashti Harrison, são envolventes e, praticamente, nos colocam dentro da aventura narrada, já que contêm cores com contrastes intensos e transmitem a sensação de estarmos viajando com Sulwe e a estrela. Os tons de azul e roxo formam lindas cenas noturnas que revelam o esplendor dos astros responsáveis por enfeitar a noite.

Para mim, foi emocionante ler a história e pensar que também sou "escura e bela, forte e cheia de brilho". Essa obra literária deixou meu coração aquecido, pois ver minha aparência sendo comparada às belezas da natureza foi muito especial. Assim, convido você para fazer a leitura de "Sulwe" também e conhecer com detalhes essa narrativa profunda e encantadora.



O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO,

de Rodrigo França @rodrigofranca e Ilustrações de Juliana Barbosa Pereira



Por Thiara Cruz @_thiara_cruz - mestra em Letras e pesquisadora do LiTERÊtura

Pequenos príncipes pretos existem, sim. São muitos e estão espalhados por diversos planetas-vidas. Na Terra, não seria diferente. São tantos que o escritor Rodrigo França resolveu contar pra gente sobre esses meninos no livro "O Pequeno Príncipe Preto", publicado neste ano, pela Editora Nova Fronteira. A narrativa percorre a tradicional trajetória aventureira de um pequeno, que é literalmente de outro planeta, mas dessa vez é de um lugar que habita a árvore Baobá, uma fonte vital de energia. A ilustração ficou por conta da Juliana Barbosa Pereira, cuja capa mescla o azul e o laranja em meio aos nossos traços negros, o que pode reforçar uma estética positiva.

Ao ler o livro, fiquei pensando: "conheço príncipes negros?" O que logo concluí positivamente: meu pai, meu irmão, meus tios, meus primos e meu avô (que hoje é rei). Todos foram e são príncipes. Todos vinculados de alguma forma ao que o Pequeno Príncipe Preto chama de ancestralidade.

Sem dúvidas, recomendo a leitura a todos que são, que convivem ou que querem saber mais sobre o mundo desses pequenos príncipes pretos. Vocês vão encontrar leveza, filosofia africana e muito saber ancestral.

AMORAS,

de Emicida Ilustrações de Aldo Fabrini



Por Amanda Ribeiro de Almeida @almeida8188 - Graduada de Letras-Português da UFES e pesquisadora do LiTERÊtura

Já saiu pra catar amoras? E já comeu uma bem madurinha? Essa é a história de "Amoras", versos do rapper Emicida, publicados em formato livro, pela editora Cia das Letrinhas, no ano de 2015. Assim como comer uma frutinha bem suculenta, o poema tem um sabor doce e cheio de nuances: fala de ancestralidade, espiritualidade, negritude e, óbvio, de amoras.

Mas mais do que isso, o poema é sobre os frutos que a representatividade pode fazer brotar em crianças pretinhas e sábias, como a menininha do texto. Antes mesmo de o poema começar, Emicida anuncia quem foi sua inspiração: "Dedicado a Estela, a primeira pessoa que vi salvar o mundo". E lendo o livro é fácil compreender que sua filha, Estela, é realmente uma inspiração.

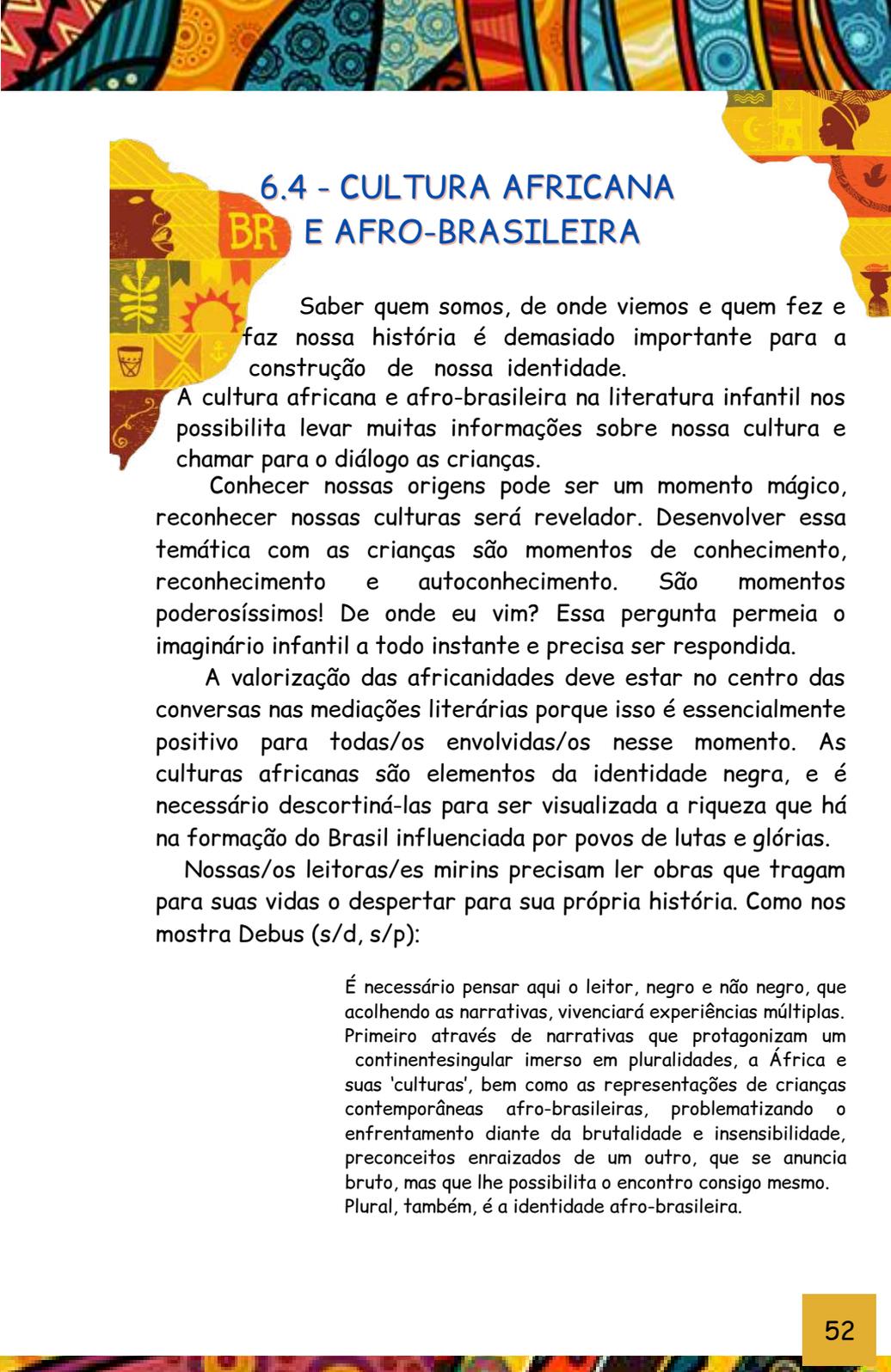
É muito legal ler versos tão cheios de história e de luta, com várias referências importantes a nomes dos Movimentos Negros no mundo. O cuidado com que o livro foi feito não passa despercebido: as ilustrações de Aldo Fabrini são cheias de personalidade e de cor, o complemento perfeito para um livro-poema com tanta beleza. Difícil é ler sem parar para refletir sobre a potência do pensamento das crianças.



Convido vocês, grandes e pequenos/as, a conhecerem mais essa obra, que me deixou com um sorriso no rosto e um gostinho bom no coração.

Ah, e caso vocês não consigam acessar o livro na íntegra, o Emicida lançou uma versão animada com os principais trechos do poema. Corre lá no canal dele no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=Avt7s8XgDjs>





6.4 - CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

Saber quem somos, de onde viemos e quem fez e faz nossa história é demasiado importante para a construção de nossa identidade.

A cultura africana e afro-brasileira na literatura infantil nos possibilita levar muitas informações sobre nossa cultura e chamar para o diálogo as crianças.

Conhecer nossas origens pode ser um momento mágico, reconhecer nossas culturas será revelador. Desenvolver essa temática com as crianças são momentos de conhecimento, reconhecimento e autoconhecimento. São momentos poderosíssimos! De onde eu vim? Essa pergunta permeia o imaginário infantil a todo instante e precisa ser respondida.

A valorização das africanidades deve estar no centro das conversas nas mediações literárias porque isso é essencialmente positivo para todas/os envolvidas/os nesse momento. As culturas africanas são elementos da identidade negra, e é necessário descortiná-las para ser visualizada a riqueza que há na formação do Brasil influenciada por povos de lutas e glórias.

Nossas/os leitoras/es mirins precisam ler obras que tragam para suas vidas o despertar para sua própria história. Como nos mostra Debus (s/d, s/p):

É necessário pensar aqui o leitor, negro e não negro, que acolhendo as narrativas, vivenciará experiências múltiplas. Primeiro através de narrativas que protagonizam um continente singular imerso em pluralidades, a África e suas 'culturas', bem como as representações de crianças contemporâneas afro-brasileiras, problematizando o enfrentamento diante da brutalidade e insensibilidade, preconceitos enraizados de um outro, que se anuncia bruto, mas que lhe possibilita o encontro consigo mesmo. Plural, também, é a identidade afro-brasileira.

Para que possamos levar com muita qualidade e encanto essa riqueza que é a cultura africana e afro-brasileiras para a sala de aula, sugerimos as seguintes obras: "Zumbi dos Palmares"; "Tem oba-oba no baobá: histórias com perfume de África" e "O chamado de Sosu".

ZUMBI DOS PALMARES (EM CORDEL), escrito por Madu Costa e Ilustrações de Josias Marinho



Por Geane Teodoro Damasceno @geane.td - Mestranda em Educação (PPGE/UFES) e membro do LiTERÊtura

Eu quero ver...
Eu quero ver...
Eu quero ver...
Eu quero ver...
Quando Zumbi chegar
O que vai acontecer? [..]

Jorge Ben Jor

Respondendo ao nosso Jorge Ben, quando Zumbi chega é resistência, é luta.

Esta obra que escolhi foi publicada em 2013, pela Mazza Edições. Madu Costa adaptou, ao gosto do público infantil e juvenil, a história do nosso herói Zumbi dos Palmares de um jeito muito convidativo: através da Literatura de Cordel.

Com rimas e versos, pude conhecer um pouco mais sobre a história de uma referência de origem africana que, ao lado de Ganga Zumba, lutou pela libertação do povo negro escravizado. Madu mostra como surgiu o Quilombo de Palmares e, sem romantizar, narra o processo de construção do país, marcado por opressões ao povo negro. No estilo de xilogravura, as ilustrações de grande qualidade estética foram feitas pelas mãos do nosso querido Josias Marinho @josiasmcasadecaba, reforçando a natureza cordelística do texto. Depois de ler esta história, cheguei à seguinte reflexão: embora em cenários distintos, todos nós, negros e negras, temos um pouco de Zumbi.



TEM OBA-OBA NO BAOBÁ: HISTÓRIAS COM PERFUME DE ÁFRICA,

de Cláudia Lins e Ilustrações de Maurício Negro



Por Lucilene Soares @lusoares.100 - Mestra em Educação (UFPR) e integrante do LitERÊtura

Você já sentiu saudades de um lugar que nunca conheceu, de pessoas que ainda não conviveu, de histórias que ainda não escutou? Então, às vezes é assim que me sinto quando lembro do continente africano! Um lugar que ainda não tive a oportunidade de conhecer, com pessoas com quem ainda não convivi e histórias que ainda não ouvi! Um lugar distante e ao mesmo tempo parte de nós, porque é o território de nossos antepassados, de suas histórias e memórias.

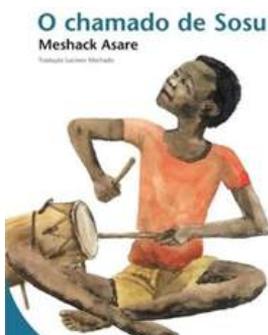
Visitar esta África ancestral e repleta de oralidade é o presente que a obra "Oba-Oba no Baobá: histórias com perfume de África", de Cláudia Lins, nos oferece. Trata-se de um livro foi publicado em 2016, pela editora Paulinas, e que retrata uma viagem atemporal, cuja guia é Nina Zina. Ela é uma velha tartaruga que comigo tem em comum o fato de nunca ter pisado o chão de África, mas que carrega muito respeito pelo berço da humanidade!

Nossa velha guia nos conduz por quatro contos repletos de poesia, que nos fascinam, nos territorializam e nos apresentam a importantes personagens da cultura africana, além de valores e princípios que chegaram a nós por nossos mais velhos: coletividade, amizade, pertencimento, identidade, reciprocidade e engenhosidade diante dos obstáculos. São elementos que possibilitaram nossa resistência no passado e na atualidade.

Permita-se conduzir por Nina Zina e venha conversar com o Baobá, conhecer Nyame, o rei do céu, encantar-se com Kwaku Ananse, o sábio camponês, e muitos outros personagens que podem preencher um pouco da lacuna entre nós e a cultura do continente africano. Quem sabe, assim, podemos diminuir a saudade ancestral que sentimos.

O CHAMADO DE SOSU

Escrito e ilustrado por Meshack Asare



Por Thais Ximenes - @ximeneses - Graduada em Filosofia/Ufes e pesquisadora do LiTERÊtura

O coro do tambor fala? Eu acredito que sim! E esse som dialoga com nosso corpo, que tem o poder de nos salvar e também alertar sobre os perigos, já que seu som propaga-se a grandes distâncias. Mas para isso, quem vai tocá-lo precisa ser corajosa/o e muito forte para não se importar com empecilhos e ajudar todas as pessoas ao seu redor. Por esse motivo, o livro de Meshak Asare, intitulado "O chamado de Sosu", é tão emocionante, já que apresenta a história de um menino que usa o tambor para ensinar grandes lições.

O enredo se passa em uma pequena aldeia no Oeste na África, entre uma laguna enorme e o mar, e é uma delícia acompanhar a história de amor entre essas duas águas salgadas, com as agitadas ondas de espumas brancas em busca da calmaria da laguna parada. No entanto, dentre esses momentos de paixão, o vilarejo, que adora essa energia de amor, acaba sofrendo um pouco. Sosu é um dos habitantes desse lugar e, mesmo sendo muito amado pela sua família, enfrenta represálias de outras pessoas por não ter as pernas tão fortes para andar.

Mas tudo muda quando, em um desses encontros do mar com a laguna, Sosu tem a chance de salvar as pessoas do vilarejo por meio do tambor, o tam-tam! Mas será que nosso herói consegue chegar a tempo? Para saber mais, eu convido você, leitor e leitora, a procurar essa linda história e se emocionar com o desfecho, assim como eu me envolvi tanto.





6.5 - ANCESTRALIDADE

Impossível abordar questões de cultura africana e afro-brasileira sem falar de ancestralidade. Quando indagamos e nos perguntamos sobre nossas origens já estamos dialogando sobre ancestralidade.

O nosso caminhar é um processo ancestral, pois somos fruto daquelas e daqueles que vieram antes de nós. Oportunizar a nossas crianças o entendimento da importância dos antepassados é abrir caminhos também para que elas percebam seu lugar no mundo. Nossas memórias, sendo inclusive aquelas vividas por quem veio antes de nós, dizem muito sobre quem somos. Quem nos orienta sobre essa ancestralidade que está em nós e fora de nós é Sobonfu Somé (2007), ao dizer:

Quando falamos sobre conexão com os espíritos de ancestrais, muitas pessoas entendem que nos referimos a nossos ancestrais diretos. Mas isso seria difícil. Frequentemente, nem conhecemos nossos avós. Existe um conjunto de ancestrais - não precisa ser uma pessoa ou espírito que conhecemos ou que imaginamos. Pode ser uma árvore lá fora. Pode ser uma vaca, nosso cão ou gato, em casa. O tataravô, que morreu há muitas gerações, pode ter se unido ao conjunto de espíritos, e o tataraneto não consegue identificá-lo. É possível que seja o riacho correndo ao longe. Portanto, o que importa é compreender que qualquer pessoa que perdeu o corpo físico é um potencial ancestral. Você atrairá muitos espíritos se simplesmente expressar seu anseio pelo apoio dos ancestrais (SOMÉ, 2007, p. 28).



Com isso, a noção de ancestralidade não diz respeito à religiosidade. Ao defendermos a valorização das tradições africanas por meio da cultura literária, o que pretendemos é reconhecer nessas tradições importantes fontes de conhecimento e de autoestima, especialmente para a criança negra, que é submetida diariamente a experiências de negação de sua história e riqueza cultural e bombardeada com influências predominantemente europeias.

Para um diálogo bem oportuno a esse respeito, apresentamos aqui quatro obras com narrativas cheias de respostas e inquietações para essa temática. São elas: "O black power de Akin"; "Nós de axé"; "O coração do mar" e "Elegué e a sagrada semente de cola".

O BLACK POWER DE AKIN,

de Kiusam de Oliveira e Ilustração de Rodrigo Andrade



Por investidor dos Santos Deminics - 9 anos, integrante do LiTERÊtura e Mara Pereira dos Santos @marapereiras @bibliotecaalecrim - doutoranda em Educação - PPGE-UFES e integrante do LiTERÊtura



Imagine uma história que começa à luz do luar, com cheirinho de pão quente, café e bolo de fubá. Espera! Antes, pense numa receita com esses ingredientes: um pouco de ANCESTRALIDADE, uma pitada de DIVERSÃO, gotas de ENSINO, tempero de AMOR e uma mexidinha de CABELO. E aí? Já pensaram? Pois é isso que o "Black Power de Akin", de Kiusam de Oliveira @mskiusam, nos ensina. O livro foi lançado em 2020, pela Editora de Cultura, e conta a história de um menino de 12 anos que aprendeu uma linda lição com seu avô, irmão e irmã, depois de ter vivido situações que o deixaram muito triste. Você já teve dias ruins na escola, quando outras crianças ou adultos não te respeitam?

Mas nosso protagonista teve uma ajuda muito especial, vinda de seus ancestrais. Você sabe que aqui não contamos a história toda pra aguçar a sua curiosidade, né? Só podemos dizer que o ar se transformou em uma surpresa bem linda para Akin!

Você já viu o ar ganhar forma? Pois, então, foi exatamente isso que aconteceu!

E com muitas chacoalhadas, embaralhando passado, presente e futuro - como numa máquina do tempo - Akin encontrou um lindo tesouro africano! Mas vamos deixar para vocês descobrirem que tesouro é esse! Terão que ler essa história cheia de memórias ancestrais do povo negro e africano para saber.

NÓS DE AXÉ, de Janaína de Figueiredo e Ilustrações de Paulica Santos



Por Débora Araujo - coordenadora do LiTERÊtura

A moda hoje é falar em "gatilhos", né? Pois bem. O livro que escolhi pra resenhar ativou gatilhos em mim. De autoria de Janaína de Figueiredo, a obra "Nós de axé", publicada em 2020 pela editora Aletria, conta uma história que eu daria tudo pra estar vivendo agora. Imaginem o cenário: Salvador, dia de sol com vento, festa do Senhor do Bonfim, fitinhas... Ativou aí também?

Narrado em primeira pessoa, a história é sobre uma menina e sua fitinha que, depois de muito tempo "amarradas pelo mesmo querer" se separaram.

Normalmente todo mundo que tem uma fitinha do Bonfim não vê a hora de ela se romper pois é sonho realizado na certa.

Mas no caso da nossa protagonista a fitinha é sua grande companheira. Então, o que fazer com aquela fitinha, agora findada, que tinha sido tão importante em sua vida?

O que você faria?

Bem, eu não vou contar o que ela fez, mas garanto que foi a melhor ideia que alguém podia ter.

E já que estou falando em palavras na moda, digo outra: "spoiler". Então solto um spoiler aqui pra te ajudar: "Os mais velhos dizem que todo fim deve ser cuidado para renascer de outra forma"...

Por fim, uso outra palavra pra fechar a amarração da minha fita que é esta resenha: primor. Não é palavra da moda, mas é a melhor pra definir as ilustrações de Paulica Santos.

Mas antes que eu ative mais gatilho em você, paro por aqui. Só queria uma coisa: ative um gatilho em mim e diga o que você faria no lugar dela?

O CORAÇÃO DO MAR, escrito e ilustrado por Carol Fernandes



Por Sarita Faustino dos Santos @saritafustino, mestranda em Educação Física e membra do literÊtura
Artur Wamai Faustino Rangel, @detona83, 9 anos, estudante e membro do LiterÊtura

Quando recebemos o livro "O coração do mar", publicação da Editora Crivinho, no ano 2019, do nosso clube de leitura @clubepretinhxs, o título nos chamou atenção.

Sabe quando seu filho lê um livro e apresenta algumas ideias difíceis de solucionar? Pois é, explico para vocês mais adiante. Antes, preciso contar quando a água e o mar entram na história.



Meu filho Artur, agora Artur Wamai, acaba de escolher seu nome Africano. O nome tem origem no povo Kikuyu, da região do Quênia. Na língua Swahili, falada por este povo, Wamai significa "vindo da água". Artur Wamai ficou encantado com a personagem principal. Definiu que o nome da personagem seria o nome da sua irmã. Irmã que ele não tem e agora sonha com uma. Eis aqui a situação difícil de solucionar!

E quando chegará Odara, irmã do Artur? Não sabemos, mas nesta história vocês irão conhecer essa personagem encantadora.

Artur Wamai (vindo da água) e a personagem Odara têm algo em comum: a paixão pelo mar. O livro da talentosa escritora e ilustradora Carol Fernandes é uma deliciosa viagem ancestral. As lindas e delicadas imagens fazem a viagem ficar ainda mais apaixonante e o colorido transmite uma sensação de leveza e aconchego.

Tenho certeza que vocês irão amar esse mergulho com a Odara, assim como nós!

"Ela mora no mar, ela brinca na areia. No balanço das ondas, a paz ela semeia..."



ELEGUÁ E A SAGRADA SEMENTE DE COLA, escrito e ilustrado por Carolina Cunha



Por Ariane Meireles @ariane.meireles.77, doutoranda em Ciências da Educação da Universidade do Porto, pesquisadora do LiTERÊtura

Uma história macia. Assim defino "Eleguá e a sagrada semente de cola", de Carolina Cunha, com ilustração dela mesma, e publicado em 2007, pela Editora SM. Macia porque chega aos nossos olhos imagens tão bonitas de gente preta, pretíssima, com belíssimos trajes e lindas expressões de africanos yoruba, que nossos olhos já sorriem de imediato. É uma história macia porque logo no início a autora define o olhar de Eleguá, que se fechava "maciamente" no colinho gostoso de sua mãe Yemanjá. Aliás, o texto capricha nas palavras inventadas, nos termos yoruba com tradução contígua e, o mais gostoso, nas palavras que usamos no Brasil, aprendidas e/ou criadas a partir dos yoruba.

Na trama, Eleguá, menino travesso, sempre faminto, lindo de viver e cheio de sabedoria, se impõe como aquele a quem se deve oferecer as primeiras homenagens, antes de se fazer qualquer outra coisa.

Mas... pra conquistar este lugar tão importante na vida de homens e mulheres, o que será que este menino macio (e comelão) aprontou?

Te convido a descobrir os encantos deste livro, primoroso no texto e nas imagens. Um livro aconchegante! Acho que vai se sentir num colinho macio, como me sinto até agora.



6.6 - CORPOREIDADE

Dialogar sobre o tema da corporeidade nas práticas educativas e tendo como instrumento de trabalho a literatura infantil e juvenil, pode ser possível e muito prazerosa para mediadoras/es e crianças. No intuito de oferecer às crianças possibilidades de experimentar diferentes situações com seu corpo e sentir o outro, as inúmeras brincadeiras, jogos, desafios são atividades possíveis. Nestas práticas, as/os envolvidas/os podem ter a compreensão do corpo humano, pois à medida que vivemos a corporeidade e sentimos nosso corpo, nos tornamos significativos tanto a nós mesmos quanto aos outros.

Ao nascer, a criança é inserida numa cultura e período histórico, e essa inserção passa por constantes mudanças. Em seu desenvolvimento, ela vai incorporando experiências por meio de diferentes sentimentos e relação com as pessoas e o mundo. Portanto, nessa relação vai se desenvolvendo a personalidade e constituindo sua identidade que, também, é construída por meio das vivências na corporeidade. Ainda que as transformações se iniciem no meio familiar, elas se estendem ao meio social. Num processo circular, novos aprendizados transformam-se e ampliam as experiências já vivenciadas tanto para criança negra como para a branca. Porém, muitas vezes, educadoras/es não passaram por esse processo de autoconhecimento corporal, e pensar o corpo negro exige um pouco mais por causa dos danos causados pelo racismo. Pensar o corpo negro da criança denota, antes, conhecer o próprio corpo.

Devemos buscar compreender esse não conhecimento e nos conhecer juntamente com as crianças em práticas que nos envolvam e nos aproximem.





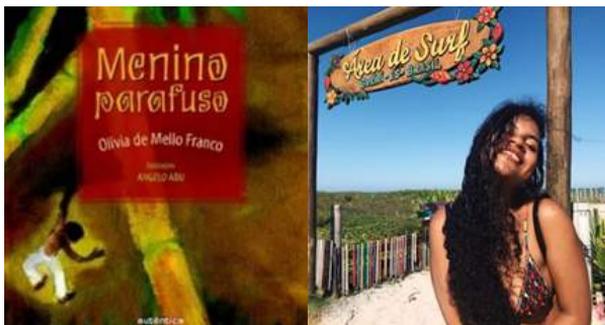
Sobre nossos corpos negros, Nilma Lino Gomes (2003), nos salienta:

[...] como os educadores negros e brancos pensam o próprio corpo? Como pensam e veem o corpo negro? Durante os processos de formação docente, os educadores têm contato com reflexões que discutem as representações construídas em nossa sociedade sobre o negro, sua estética, sua ascendência africana e as formas como estas se misturam com situações de racismo, discriminação e preconceito racial? Como os professores lidam com as diferenças étnico-raciais inscritas no seu próprio corpo e no corpo de suas alunas e de seus alunos? (GOMES, 2003, p. 172-173)

Nessa perspectiva, é interessante que busquemos em momentos de medição da leitura literária proporcionar a nós e às crianças momentos de brincadeiras que nos permitam nos reconhecer, nos amar, sentir o nosso corpo e nos encantar pela maravilhosa diversão que a corporeidade nos proporciona. Temos aqui quatro obras literárias que podem nos ajudar a iniciar ou continuar essa prática com muita alegria e sorrisos. São elas: "O menino parafuso", "Capoeira" e "o Menino coração de tambor".

O MENINO PARAFUSO,

de Olivia de Mello Franco Ilustrado por Angelo Abu



Por Thais Ximenes @ximeneses - Graduada em Filosofia pela UFES e pesquisadora do LiTERÊtura.

Quem aqui gosta de gingar, pular, sambar e brincar com o corpo? Nós do LiTERÊtura amamos e conseguimos enxergar o corpo como uma potência criativa e comunicativa muito grande! Particularmente, eu acredito que isso aconteça pois os antepassados grifaram em nossos corpos o batuque e os ritmos como herança e, por isso, não conseguimos ficar paradas/os quando escutamos um tambor ou um canto bonito. E o "Menino parafuso", de Olivia de Mello Franco (publicado em 2010, pela editora Autêntica), representa toda essa força e leveza que carregamos conosco. A obra conta, em versos, uma linda e dinâmica história, de um menino que brincava com o corpo enquanto montava sua fantasia de um jeito diferente. Sua brincadeira é bem séria: faz referência a uma manifestação afro-brasileira presente na cidade de Lagarto, em Sergipe, chamada "Folgado Parafuso".

Pra qualquer brincadeira, precisamos de adereços. Quem sabe um figurino lindo composto pelas roupas que catamos do varal?

Imagino que os varais representem essa possibilidade infinita de ser cenário e figurino para nossas aventuras. Ao ler o "Menino parafuso", lembrei também dessas tardes perdidas nos varais de casa enquanto dançava e me mexia atrás de um ritmo.

Inspirada nesta brincadeira que convido vocês a se divertirem com as rimas do "Menino parafuso", e assim como ele, a olharem as possibilidades dos locais e do corpo para criação e imaginação do nosso erê.

"CAPOEIRA",

de Sônia Rosa e Ilustrações de Rosinha Campos



Por Ione Santos Dos Reis @ionereisart @ionesreis - Graduada em Artes Plásticas (UFES), pesquisadora no LiTERÊtura e Integrante do Grupo de capoeira Beribazu (Núcleo UFES)

"Vai começar a brincadeira na roda de capoeira"

Trecho de uma música composta pelo Contra Mestre de capoeira Fábio Mongola.

Como uma boa capoeira (assim chamamos todo praticante de capoeira) meus olhos se encheram de brilho ao ler essa obra, produzida pela editora Pallas em 2009.

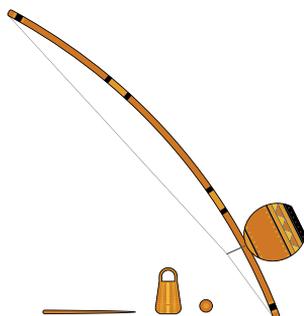
Capoeira é uma luta ou dança? Se você já teve essa dúvida, bem vindx ao clube rs... Neste livro você vai compreender melhor a origem e o significado dessa prática que já foi até considerada crime.

Vamos descobrir, por meio da composição das palavras, os significados de cada detalhe em uma roda de capoeira, sendo eles baseados em musicalidade e movimentação. Herança africana, a capoeira nasceu no período da escravização e foi criada no Brasil pelos negros bantos de Angola como forma de defesa, sendo exercitada às escondidas dos senhores das fazendas nos capinzais ou "capoeiras". Ato de resistência do povo negro atualmente, a capoeira é praticada por todo Brasil e mundo afora.

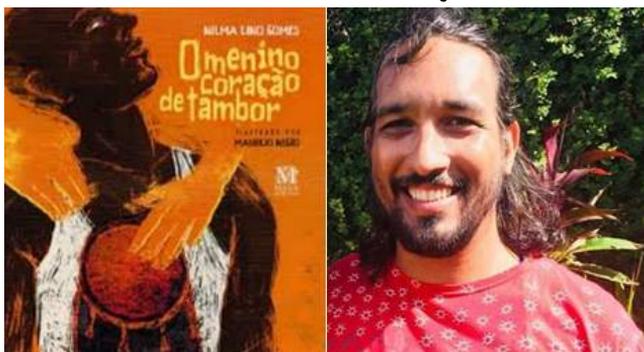
Nas ilustrações foram utilizadas na palheta tonalidades como preto e branco e outras cores como vermelho, azul, laranja, amarelo e rosa em detalhes no que diz respeito às vestimentas e instrumentos.

Além de um ótimo exercício físico para o corpo, a capoeira pode ser praticada por qualquer pessoa em qualquer idade e é uma atividade propícia para fazer amizades e se divertir descobrindo novas habilidades. Sentindo o axé que essa união de corpos e pensamentos promove, é visível: ninguém é triste na capoeira!

Como diz uma música que cantamos na Capoeira: "É muito bom, é bom demais, ser Capoeira é bom demais!" Meu convite pra você hoje é conhecer mais sobre a capoeira através deste livro e contar essa descoberta para todo mundo!



O MENINO CORAÇÃO DE TAMBOR, de Nilma Lino Gomes e Ilustrações de Maurício Negro



Por Luís Thiago Freire Dantas @thiagogum - Professor de Filosofia da Educação da UERJ e pesquisador do LiTERÊtura

Tum, tum, tum! Como bate o teu coração quando você ouve uma música que gosta? Também bate em ritmo alucinado como se quisesse engolir o mundo? Não é de se estranhar, pois, como dizem algumas filosofias africanas, é pelo coração que expressamos a nossa existência e nossa singularidade. E foi isso que fez Nilma Lino Gomes, ao registrar no livro "O menino coração de tambor" a história do bailarino Evandro Passos. Essa obra foi publicada em 2013 pela Editora Mazza e conta com ilustrações de Maurício Negro.

Ao ler como Evandro passeava pelas vizinhanças com passos a toques de atabaques, eu me lembro que quando criança, mesmo com timidez, o meu andar me marcava e por isso diziam: "Lá vem Thiago!". O nosso caminhar nos identifica e rapidamente marcamos um movimento próprio de bailar com o mundo.





Acrescento ainda que além da sensibilidade da narrativa, as ilustrações enriquecem nosso imaginário por mostrar a ancestralidade percorrendo na vida de todas as pessoas dessa história, em especial de Evandro, um corpo marcado pela dança.

Assim, ao fim da leitura não é difícil perceber como o corpo ensaia nossa existência, embalada pelos toques de cordas e de tambores, no ritmo do nosso coração... tum, tum, tum!



Os temas aqui propostos não se esgotam e se entrecruzam, ou seja, todas as resenhas aqui citadas como outras obras de temática africana e afro-brasileira podem conter variados caminhos. Cabe a nós a criatividade e sensibilidade nos momentos de mediação da leitura literária.



7. REFERÊNCIAS

ALFREDO, Olegário. *O pente penteia*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015.

ARAUJO, Débora Oyayomi. Literatura infantil e ancestralidade africana: o que nos contam as crianças?. *Momento - Diálogos em Educação*, v. 28, n. 1, p. 109-126, 2019. Disponível em: < <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8774> >. Acesso em: 30 jul. 2021.

ASARE, Meshack. *O chamado de Sosu*. São Paulo: Editora SM, 2005.

ARAUJO, Débora Cristina de. A literatura infantil com temática da cultura africana e afro-brasileira: roteiros para a seleção de livros. Texto encomendado pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT) como orientador para as ações do Projeto iLab/ Programa Equidade na Infância, 2021. No prelo

CARVALHO, Caroline. *A mãe que voava*. Rio de Janeiro: Aletria, 2018.

CAVALLEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 5. ed., São Paulo: Contexto: 2006. p. 39-95.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2 ed. São Paulo. Contexto. 2019.

COSSON, Rildo. *Oficinas. Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed., 9. reimp. São Paulo: Contexto, 2019. p. 121-135.

COSTA, Madu. *Zumbi dos Palmares* (em cordel). Horizonte: Mazza Edições, 2013.

CUNHA, Carolina. *Eleguá*. São Paulo: Editora SM, 2007.



DALY, Niki. *Cadê você, Jamela?*. São Paulo: Edições SM, 2006.

DEBUS, Eliane. *Festaria da brincança: a leitura literária na Educação Infantil*. São Paulo: Paulus, 2006.

DEBUS, Eliane. *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

EMICIDA. *Amoras*. Rio de Janeiro: Companhia da Letrinhas, 2018.

FÉLIX, André. *Meia Curta*. Horizonte: Mazza Edições, 2021.

FERNANDES, Carol. *Coração do mar*. Belo Horizonte: Crivo Editorial, 2019.

FIGUEIREDO, de Janaína. *Nós de Axé*. Rio de Janeiro: Editora Aletria, 2018.

FRANÇA, Rodrigo. *O pequeno príncipe preto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

FRANCO, Olívia de Mello. *O menino parafuso*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jun. 2003.

Disponível

em

<https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 30 jul. 2021.

GOMES, Nilma Lino. *O menino coração de tambor*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.



JÚNIOR, Otávio. Da minha Janela. Rio de Janeiro: Companhia das Letrinhas; 1ª edição., 2019.

KILOMBA Grada. Memórias da Plantação: episódios e racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Heloisa Pires de. Personagens negros: um breve perfil na literatura infantojuvenil. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o racismo na escola. 2a. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 101-115.

LINS, Cláudia. Tem Oba-Oba no Baobá. São Paulo: Paulinas, 2016.

NYONGO, Lupita. Sulwe. Rio de Janeiro: Rocco Pequenos Leitores, 2019.

OLIVEIRA, Kiusan de. Black Power de Akin. São Paulo: Editora Cultura, 2020.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. A tessitura dos personagens negros na Literatura Infantojuvenil Brasileira. Sementes (Salvador), v. 6, p. 103-117, 2005. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafr/arquivos/artigos/criticas/ArtigoAnoria1literaturainfantojuvenil.pdf> >. Acesso em: 23 jul. 2021.

PEREIDA, Édimo de almeida. Nikkè. Horizonte: Mazza Edições, 2011.

RAMOS, Lázaro. O caderno sem rimas da Maria. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2018.

ROSA, Sônia. Capoeira. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2006.



ROSA, Sônia. Enquanto o almoço não fica pronto. São Paulo: Grupo Editorial ZIT, 2020.

ROSA, Sônia. Os tesouros de Monifa. São Paulo: Brinque-Book, 2009.

SANTANA, Patrícia. Cheirinho de Neném. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil. 2. ed., 2a. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 1748 (Linguagem e Educação).

SOMÉ, Sobonfu. O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. 2. ed., São Paulo: Odysseus, 2007.